



O Ensino remoto emergencial
Diferenças entre o ensino público e o ensino privado

Jéssica Rolo Duarte Albino

57014

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do
Ensino Básico

Orientadoras: Professora Doutora Clementina Nogueira

Professora Doutora Ana Paula Pereira

Outubro, 2021

Resumo

Este relatório de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico resulta, fundamentalmente, da Prática de Ensino Supervisionada.

Com a pandemia de Covid-19 ocorreram transformações na relação entre as tecnologias digitais e a educação. O crescente desenvolvimento das tecnologias e dos meios de comunicação intensificou o seu uso com motivos educativos, pelos estudantes e professores, promovendo o nascimento de novos paradigmas, processos de educação e comunicação, novos cenários de ensino e aprendizagens. As tecnologias em educação têm vindo a desafiar-nos à reflexão sobre o currículo e sobre o ensino-aprendizagem.

Este relatório inclui um estudo que aparece durante o contexto da pandemia covid-19 que se instalou em Portugal em março de 2020 afetando o mundo da educação. Com o vírus a contagiar cada vez mais adultos e crianças as escolas foram obrigadas a encerrar. As aulas passaram a ser online adotando assim um ensino remoto emergencial.

Com o regresso ao ensino presencial foi possível perceber que muitos alunos foram prejudicados com a falta de meios tecnológicos, dado que não lhes foi possível estarem presentes nas aulas remotas, perdendo os conteúdos que estavam a ser lecionados.

Foi assim formulada a seguinte pergunta de investigação: Quais as diferenças entre o ensino público e o ensino privado que se acentuaram com a pandemia?

De forma a conseguir obter resposta à pergunta de investigação, desenvolveu-se uma investigação qualitativa, recorrendo a entrevistas realizadas junto dos professores. Foram inquiridas quatro professoras do ensino público e quatro professoras do ensino privado.

Com a realização das entrevistas e análise das mesmas foi possível perceber que o recurso às tecnologias durante a pandemia e o ensino remoto emergencial gerou diferenças entre os alunos da escola pública e os alunos da escola privada, pois muitos alunos do ensino público não tinham meios tecnológicos para aceder às aulas. Conclui-se que estas diferenças atrasaram de forma mais intensa os professores no ensino público no desenvolvimento de seus conteúdos.

Palavras-chave: Pandemia, escola pública e privada, ensino emergencial, tecnologia e docência.

Abstrate

This Master's report in Pre-school Education and Teaching of the 1st cycle of Basic Education results, fundamentally, from the Supervised Teaching Practice.

With the Covid-19 pandemic, changes occurred in the relationship. The growing development of technologies and means of communication has intensified their use for educational purposes, by students and teachers, promoting the birth of new paradigms, education and communication processes, new teaching and learning scenarios. Technologies in education have been challenging us to reflect on the curriculum and on teaching-learning.

This report includes a study that appears during the contexto of the covid-19 pandemic that took place in Portugal in March 2020, affecting the world of education. With the vírus infecting more and more adults and children, schools were forced to close. Clases are now online, this adopting emergency remote teaching.

With the return to face-to-face teaching, it was possible to see that many students were harmed by the lack of technological means, as they were unable to be present in remote classes, losing the contentes that were being taught.

The following starting question was thus formulated: What are the differences between public and private education that have been accentuatede by the pandemic?

In order to obtain na answer to the starting question, a qualitative investigation was developed, using interviews carried out with teachers. Four public school teachers and four private school teachers were surveyed.

After conducting the interviews and analyzing them, it was possible to see that the use of technologies during the pandemic and emergency remote teaching generated diferences between public school students and private school students, as many public school students did not have technological means to access classes. I tis concluded that these diferences delayed teachers in public education more intensely in the development of their contentes.

Agradecimentos

A realização deste relatório final de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não teria conseguido e estarei sempre grata.

Quero agradecer em primeiro lugar à minha orientadora Clementina Nogueira que se mostrou sempre disponível a ajudar e mesmo depois de ter feito alterações ao meu tema inicial mostrou-se pronta a ajudar. Apresentou-me a uma professora que se encontra em Portugal, mas está a fazer uma pesquisa em parceria com colegas do Brasil, exatamente sobre o mesmo tema. Facilitando assim a parceria e troca de resultados, à qual também agradeço muito a disponibilidade incansável e ajuda da professora Ana.

Em segundo lugar, quero também agradecer às professoras da escola pública, em Lisboa que se disponibilizaram desde logo a participarem do trabalho de pesquisa para o meu relatório final. Bem como às professoras do colégio particular, em Almada, que mesmo sem me conhecerem pessoalmente se mostraram prontas a ajudar. Um agradecimento especial à minha professora orientadora de estágio, Teresa André, que já esteve comigo no primeiro ano de estágio e agora no último, que me ajudou muito ao longo do meu percurso e participou do Projeto Piloto. O seu auxílio foi crucial, pois sem seus conhecimentos, contactos e disponibilidade, teria sido impossível ir tão longe na investigação.

Quero ainda agradecer a uma amiga muito especial, que estará para sempre no meu coração, que sempre me apoiou e aconselhou ao longo desta caminhada, uma amiga que infelizmente já não está cá para me ver a terminar, mas que estará certamente orgulhosa do meu percurso.

Por último, nada disto teria sido possível, sem a minha família. Agradeço à minha mãe, ao meu pai, ao meu filho e ao meu namorado, que foram um grande apoio e aconchego nos dias mais complicados, nos dias de maior cansaço, foram o meu ombro amigo. Foram os meus modelos de coragem e incentivo, tiveram sempre paciência para me aturar e a superar os obstáculos mais complicados desta caminhada.

Sem dúvida a minha melhor escolha.

Índice

Capítulo I- Introdução	1
Capítulo II- Prática de ensino supervisionada	5
Capítulo III- Um Sistema de Ensino Desigual	8
1. Educação e Tecnologias	8
2. O surgimento das tecnologias digitais e a educação.....	10
3. O ensino remoto emergencial vs ensino à distância.....	14
4. Vantagens e desvantagens do ensino emergencial	16
5. Educação e pandemia	20
6. O ensino de emergência	22
7. A exaustão do docente durante o ensino emergencial.....	25
Capítulo IV- Metodologia	29
1. Caracterização das escolas onde foram realizadas as entrevistas.....	32
Capítulo V - Resultados	35
1. Análise das entrevistas	35
Capítulo VI- Conclusões	49
1. Conclusões finais.....	49
Referências bibliográficas	52
APÊNDICES	54
1. Entrevistas às professoras.....	56

Lista de Siglas

DGESTE- Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares

DGE- Direção Geral da Educação

ANQEP- Agência Nacional para a qualificação

EAD- Educação à distância

ERE- Ensino Remoto Emergencial

TIC- Tecnologias de informação e comunicação

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação a ciência e a cultura

CIPEAD- Coordenação de Integração de Políticas de Educação à Distância

PES- Prática de Ensino Supervisionada

NSE- Necessidades de Saúde Especiais

ATL- Atividades de tempos livres

ENIAC- Electronic Numerical Integrator and Computer

IA- Inteligência artificial

NEE- Necessidades Educativas Especiais

“A educação e o ensino são as armas mais poderosas que
podes usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela

Capítulo I- Introdução

Com a Prática de Ensino Supervisionada do 1.ºCiclo do Ensino Básico, percebi que havia algumas diferenças entre os alunos e algumas dificuldades por parte da professora com a imposição das aulas remotas. Assim sendo o estudo apresentado neste relatório final de mestrado surgiu durante o contexto de estágio na Prática de Ensino Supervisionada do 1º ciclo do Ensino Básico.

No início de 2020, em Portugal, surgiu uma doença que passou a assolar o mundo. O novo coronavírus SARS-CoV-2, responsável pela doença Covid-19, foi identificado pela primeira vez na China, posteriormente se alastrou pelo planeta. Essa doença levou as pessoas a “pararem” o seu trabalho e a sua rotina para ficarem em isolamento, de forma a travar o contágio do vírus.

Numa semana, tudo mudou para alunos e professores. Com a pandemia, algo que era desconhecido para todos, obrigou-nos a mudar o modo de conduzir as nossas vidas. De repente tivemos de começar a andar de máscaras, de rosto e sorriso tapados, a andar com um frasco de desinfetante para todo o lado e habituarmo-nos a esta nova realidade do ensino remoto emergencial.

Se há uns dias atrás o acesso à escola estava dependente de um meio de transporte, nesse momento passou a estar à distância de um clique. As atividades online direcionadas e preparadas para os alunos, obrigaram os professores a recorrer a cursos de informática e à compra de novos equipamentos tecnológicos, pois apesar de todos os seus desafios e entraves, estas aulas foram cruciais para minimizar os prejuízos da ausência das aulas presenciais.

É tão estranho quando pensamos que é impossível crianças em pleno século XXI não terem acesso às novas tecnologias digitais, não terem acesso à internet, à televisão, ao telemóvel, ao computador, etc, uma vez que estas ferramentas fazem parte do nosso dia a dia.

Na realidade ainda existem muitas crianças com falta de meios económicos para conseguirem ter acesso a estes equipamentos. Contudo, quando pensamos que conhecemos o mundo da internet, uma vez que estamos constantemente ligados à mesma, surge uma pandemia que nos demonstra que ainda temos muito que aprender e sobretudo evoluir no domínio dessa área.

Neste sentido foi desenvolvida uma pergunta de investigação: Quais as diferenças entre o ensino público e o ensino privado que se acentuaram com a pandemia?

De forma a conseguir respostas à problemática foram entrevistadas quatro professoras quem se atribuiu as quais lhe atribui letras de A a D, para manter o anonimato, e distingui pela escola pública e privada de forma a facilitar na organização e análise do trabalho. As professoras escolhidas foram duas do 1.º ano e duas do 4.º ano do ensino básico de uma escola pública, “Escola Arco-íris”, da zona de Lisboa. Ainda quatro professoras, duas do 1.º ano e duas do 4.º ano do ensino básico de uma escola privada, “Colégio dos peixinhos”, na zona de Setúbal. Todos os nomes aqui utilizados são fictícios, por questões éticas, com o intuito de proteger os nomes reais das Instituições e profissionais entrevistados.

Os objetivos deste estudo são:

- Perceber as diferenças entre as escolas públicas e privadas em tempos “normais”;
- Perceber as diferenças entre as escolas públicas e privadas em tempos de pandemia;
- Compreender as principais dificuldades dos professores durante o ensino emergencial;
- Identificar as vantagens e desvantagens do ensino emergencial
- Compreender como trabalharam as escolas durante a ausência de aulas presenciais

Pretende-se com este estudo saber como era o ensino em cada escola antes do confinamento e como foi durante e depois do mesmo, percebendo assim a eventual desigualdade na educação nos dias de hoje.

Ao longo do trabalho vamos ver diferentes conceitos do ensino remoto emergencial em que os teóricos designam de uma forma diferentes das professoras cooperantes, tais como ensino à distância (como as professoras referem) é diferente da designação feita pelos mesmos que é o chamado ensino remoto emergencial.

Este relatório final inicia-se pela introdução e só depois se divide em cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo, a Prática de Ensino Supervisionada, onde se descrevem os dois estágios realizados durante o Mestrado, tendo sido o primeiro em Educação Pré-Escolar e o segundo no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Foi no percurso do segundo estágio que surgiu o tema da pandemia.

No segundo capítulo podemos observar o enquadramento teórico do trabalho, com reflexões de autores diversos sobre as tecnologias e educação.

No terceiro capítulo vamos encontrar a metodologia utilizada para realizar o estudo que integra este relatório final.

No quarto capítulo encontramos a análise detalhada das entrevistas feitas às professoras do ensino público e do ensino privado.

Temos as considerações/conclusões finais e para terminar o relatório final as referências bibliográficas e os apêndices (com a transcrição das entrevistas feitas às professoras).

Capítulo II- Prática de ensino supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) é uma mistura de aprendizagens, eu aprendo com a professora cooperante, com os alunos, com as auxiliares da escola e eles aprendem comigo. Partilhamos ideias, sugestões e opiniões, ajudamo-nos mutuamente e criamos um caminho juntos, fazendo daquele ano letivo um ano diferente e um ano especial.

Ao longo destes dois anos de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tive a oportunidade de estagiar primeiro em Educação Pré-Escolar e depois em 1.º Ciclo do Ensino Básico. Tive a sorte de ter uma professora de 1.º Ciclo, educadora de infância e uma auxiliar de educação incríveis, sempre prontas a ajudar-me em qualquer atividade e a ajudar-me a melhorar todos os dias. Contudo, devo confessar que gostei mais de estar com o 1.º Ciclo, foi um ano mais intenso, cheio de novidades e aventuras. Além disso são crianças com outros discursos em que é possível estar um intervalo inteiro a falar de diferentes assuntos.

Tanto num estágio como noutra estava bastante à vontade, seja na Educação Pré-Escolar que conhecia bem o grupo, a auxiliar e a educadora, como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, pois conhecia ainda melhor este grupo, uma vez que já tinha estagiado com o mesmo grupo e com a professora no 1.º ano de escolaridade deles.

No primeiro estágio trabalhei com um grupo de Educação Pré-Escolar na sala dos 3 anos. A turma, com cerca de 15 crianças, estava ainda muito agarrada aos pais e com muitos hábitos de creche, como o uso de fralda, uso de chucha, horários de sesta de manhã e de tarde. Era também um grupo que gostava muito de mimo, colo e que nos sentássemos ao pé deles a brincar. Desta forma, em conversa com a educadora, dado que precisava criar um projeto ela deu-me algumas sugestões bastante interessantes, contudo, nenhuma me chamou a atenção, nenhum me parecia servir de problemática naquele grupo.

Numa das atividades que organizei para eles, em que lhes pedi que se desenhassem a si próprios, foi muito interessante quando um menino se desenhava em tamanho pequenino e dentro de uma pessoa muito grande. Por curiosidade perguntei quem era e qual não foi o meu espanto quando ele me responde “a avó”. Perguntei porque não se desenhava apenas a ele como eu tinha pedido e ele disse: o “E¹” está aqui. Pedi então para ele desenhá-lo novamente e ele voltou a fazer o mesmo. Não conseguia perceber o que estava a acontecer, porque é que ele não se desenhava

¹ Nome de uma criança.

apenas a ele. Foi então que a educadora me explicou que quando isto acontece demonstra que ele ainda está muito apegado à avó, e que não se consegue desapegar dela, ou seja não existe um “E”, sem avó. O mais interessante é que ele vive com a mãe, mas a sua grande paixão era a avó.

Uma outra situação, foi quando pedi o desenho da família, uma menina desenhou-se junto ao pai e à mãe. Até aqui tudo bem. Perguntei-lhe quem eram e ela soube muito bem responder, mas quando perguntei o nome deles, respondeu-me: Esta é a “L¹”, esta é a mamã da “L” este o papá da “L”. Ela não sabia os nomes dos pais, dizia que era a mamã dela e o papá.

Postas estas duas situações achei que seria sem dúvida importante trabalhar a identidade e autonomia. Assim se formou um projeto pedagógico de intervenção ao qual a educadora deu continuidade até ao final do ano.

O “Projeto da identidade”, assim intitulado, passou por diversas atividades, em que basicamente todas elas se pautavam na descoberta, no conhecimento das crianças de si mesmas, no meio que as rodeia e nos seus familiares e amigos. Fizemos atividades diversificadas, atividades essas que elas mostraram gosto ao fazer, tais como o próprio cartão de cidadão com a marca do dedo e da mão, com fotografia deles e o nome dos pais. Fizemos também um mapa de alturas, a casinha da família, o corpo humano em tamanho grande, entre outras. A atividade mais importante foi descobrirem qual era o tesouro a ser alcançado como prémio pelas atividades: eles, a família e os amigos.

Todas as atividades mostraram ter tido impacto nas crianças, tendo elas mostrado e apresentado aquisição de conhecimentos e aquisição de aprendizagens principalmente no reconhecimento do Eu e no nome dos pais.

No estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico foi mais complicado, isto porque a professora com o ensino emergencial e com as escolas encerradas, no retorno presencial, viu-se obrigada a correr um pouco contra o tempo, para conseguir terminar a matéria.

Neste segundo estágio julgo ter sido mais prejudicada, devido à pandemia. Muitas atividades que eram para ter corrido de forma diferente, não foram possíveis, pois tinham de incluir conteúdos, para que eles não perdessem matéria. Ainda assim, consegui perceber que havia muitas discussões entre o grupo, não sabiam brincar todos juntos e todos os dias havia novas queixas.

Desta forma, o tema para o portefólio de estágio surgiu para unir a turma, “A importância do trabalho de grupo”, tema esse que ao início me pareceu muito complicado de colocar em prática, mas que com o tempo foi se desenvolvendo bem, ao ponto de a professora dar prosseguimento. No desenvolvimento da temática, foi criado, na turma, o barco da cooperação. Este barco foi apresentado à turma separado em cinco partes e, ao final da semana, deveria estar inteiro. Para tal, os alunos teriam que trabalhar em equipa, pois bastava um falhar para perderem uma peça e já não terem a sua surpresa.

Assim com este segundo estágio, enquanto ia ajudando os alunos percebi que havia uns com mais dificuldades que outros. Em conversa com a professora ela falou das desigualdades em termos de tecnologias e principalmente da atenção dada pelos pais. Realçou ainda que gostava de fazer coisas de forma diferente e que inclusive uma colega dela de uma escola privada encontrava-se muito mais à frente com a matéria que ela pois não tinha tido qualquer problema durante o ensino remoto, enquanto ela não quis avançar muito pois havia alunos ainda a aguardar material oferecido pelo Estado para terem acesso às aulas. Além disso, a professora da escola privada não teve de perder aulas a explicar como se utilizavam as aplicações porque todos eles tinham conhecimento devido à disciplina de TIC que já fazia parte do currículo uma vez por semana, e ao material próprio já pedido pela escola aos encarregados de educação. Essa situação não acontecia na referida turma. A avaliação das atividades realizadas foi feita no seguimento dos trabalhos de grupo. Para atingirem o objetivo final precisavam trabalhar em equipa, caso contrário nunca conseguiam levar a atividade até ao fim. Algumas das atividades foram feitas em pequeno grupo, outras em grande grupo. Houve, no entanto, uma atividade que não correu tão bem, que foi um *peddypaper* pela escola, em que eles estavam divididos em pequenos grupos, mas que para terminar a atividade precisavam de se juntar todos, contudo não correu bem porque havia apenas alguns a trabalhar os outros andavam mais a brincar e a correr pela escola do que a investir na atividade.

Por fim, é possível concluir que foi a partir daí que surgiu a importância e interesse por este estudo. Temos conhecimento que existem diferenças da escola pública para a escola privada, mas nem todos sabemos ou temos conhecimento do impacto e das especificidades das diferenças entre as escolas e a forma como o ensino é desenvolvido.

Capítulo III- Um Sistema de Ensino Desigual

1. Educação e Tecnologias

Cada vez mais a internet e as tecnologias fazem parte do nosso quotidiano. A própria sociedade modifica-se a cada dia que passa e em muitas situações mostra-se completamente dependente dos meios tecnológicos, tais como o telemóvel, computador e televisão.

As tecnologias de informação e comunicação são expressões da informática, telecomunicação e Mídias eletrónicas. O que antes parecia impossível, como ter contacto e conhecer pessoas de todas as partes do mundo, hoje em dia encontra-se à distância de um simples clique ou chamada. “Por meio da internet, essas redes podem-se reunir e trocar dados e mensagens utilizando um protocolo comum. As tecnologias das redes podem unir pessoas e instituições diversas de todo o mundo.” (Vani Kenski, 2020, p.17)

Recuero (2007) afirma ainda que as tecnologias sociais digitais – base das comunidades virtuais – “...começaram no final do século passado com o uso ampliado do e-mail, que proporcionou a facilidade da interação e conectividade assíncronas. Em seguida, surgiram as wikis e intranets, com a possibilidade de criação e acesso à informação compartilhada.” (Recuero, 2007, citado por Vani Kenski, 2020, p.20). As redes dos computadores já existiam antes da internet. Um dos princípios das tecnologias é exatamente a evolução constante. Já em 1997, Marcelo Franco dizia que a internet não era uma tecnologia pronta. “É como uma cidade que está em permanente construção, cuja vida dos prédios é extremamente efêmera”. (Franco, 1997, citado por Vani Kenski, 2020, p.17)

Se as tecnologias digitais, a internet e os Mídias já eram fundamentais nas nossas vidas, a pandemia veio a demonstrar que estamos dependentes dos mesmos para conseguir avançar com as nossas vidas. Sem eles teríamos ficado estagnados, o ensino parava, a economia parava, os empregos paravam e aí o caos seria ainda maior. Tal como afirma Levy (2017), a revolução digital fomentará novas formas de governo. “A lógica das redes engloba todo o planeta, definindo-o como a verdadeira - “aldeia global”, – termo proposto por McLuhan, em 1964, para falar da integração social através dos meios massivos de comunicação.” (Levy, 2017, citado por Vani Kenski, 2020, p.20).

Com a pandemia, a aldeia global veio a acontecer, evidenciando a importância das tecnologias de informação e comunicação, e o repensar do seu potencial no processo de desenvolvimento social e educativo do ser humano.

A impossibilidade de os alunos estarem nas aulas presencialmente é um dos exemplos que as Média (aulas na televisão) e a tecnologia digital facilitaram para que o ensino fosse possível. Ainda assim, os alunos menores de idade precisaram de alguém com eles, para os acompanhar e ajudar neste novo método. Muitos foram os pais que se viram obrigados a trabalhar a partir de casa, algo que só foi possível com o teletrabalho, mais uma vez fruto das novas tecnologias.

As distinções entre as regiões e países no contexto da sua inserção nos tempos da informação e do conhecimento, são fundamentais na compreensão das disparidades no campo da ciência, inovação e tecnologia entre essas regiões, tendo atenção às desigualdades no acesso às tecnologias de informação, surgindo assim a desigualdade digital. Além disso, essas tecnologias podem trazer transtornos em seu uso, em especial a menores de idade, como vício em jogos, *cyberbullying*, superexposição nas redes sociais, dentre outros:

Esse coletivo ampliado é fonte de várias preocupações. A conexão nas redes nos aproxima e integra, mas nos isola do ambiente, das pessoas e da realidade que fisicamente habitamos. A presença em rede, sobretudo nas redes sociais, é viciante, pontual, efêmera e exige permanente conexão com múltiplos seres, humanos e não humanos. (Kenski, 2020, p.18)

E apesar do uso das tecnologias facilitar a continuação do ensino, aparenta não ser tão produtivo como o ensino presencial.

O ensino emergencial tornou-se num novo ambiente de ensino, oriundo da utilização de meios gerados pela sociedade da informação. Foi através destas novas tecnologias que foi possível durante o ensino emergencial a grande maioria dos alunos não terem ficado por tanto tempo sem acesso às aulas:

A capacidade de trocar informações e compartilhar produtos a partir do surgimento e do aperfeiçoamento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tem se ampliado intensamente nas últimas décadas, possibilitando cada vez mais interligar pessoas de diferentes lugares e culturas, de modo ubíquo e convergente.” (Santaella, 2020, p.101)

Ainda assim, muitos não tiveram as capacidades e os recursos necessários, optando apenas pelo acesso às aulas da televisão.

2. O surgimento das tecnologias digitais e a educação

A tecnologia intensificou-se durante um período muito importante, a Revolução Industrial, sendo nesta época que a mão de obra começa a ser substituída por máquinas, equipamentos, invenções, etc.

Com os avanços, a produção de carvão e de ferro cresceu rapidamente. O avanço da tecnologia trouxe inúmeros benefícios para o homem. Desta forma, percebe-se que a tecnologia tem um papel crucial nas formas de produção, fazendo com que surgissem grandes fábricas e indústrias e promovendo o desenvolvimento das sociedades.

As relações entre a ciência e a tecnologia são muitas vezes abordadas pela literatura, uma vez que elas podem complementar-se. Conforme Teixeira (1996) afirma:

A tecnologia surge a partir da ciência, mas sobrevive pelo mercado. Pela aplicação da Lei Pareto, diz-se que 20% das inovações tem a sua origem na ciência e 80% no mercado. Dos 20% relativos à ciência, 80% produzem resultados, enquanto que dos 80% do mercado, apenas 20% fornecem resposta imediata. (p. 32)

Em 1835, Samuel F. B. Morse, nos Estados Unidos, usou a eletricidade para usar o seu telégrafo. A invenção da máquina de escrever foi também um grande passo na tecnologia no mundo. Mais tarde, em 1876, no século XIX, Alexander Graham Bell inventou o telefone, utilizando também a eletricidade. Assim permitiu a expansão e evolução dos meios de comunicação. O navio, o automóvel, os aviões proporcionaram uma expansão sem muros nem fronteiras.

No final do século XVIII, a invenção da máquina de escrever foi o primeiro passo para a aceleração do processo produtivo nos escritórios. A invenção do telefone, no final do século XIX, permitiu a expansão e a descentralização das organizações rumo a novos e diferentes mercados. O navio, o automóvel, o avião, proporcionaram uma expansão sem precedentes nos negócios mundiais. O desenvolvimento tecnológico sempre constituiu a plataforma básica que impulsionou o desenvolvimento das organizações e permitiu a consolidação da globalização. (Chiavenato, 2011, p.144)

Em 1879, Thomas Edison apresentou a lâmpada elétrica. O desenvolvimento tecnológico, principalmente da eletricidade impulsionou o desenvolvimento das organizações e permitiu a consolidação da globalização, sendo também usada nos transportes.

Os recursos de som, de imagem, animação e comunicação vão-se desenvolvendo, permitindo cada vez mais a integração de diversas Mídias. Os primeiros aparelhos foram os rádios. A televisão, que apareceu mais tarde, entre 1930 e 1950 também se tornou bastante popular. De acordo com Maximiano (2010) “As primeiras gravações

em discos de cera deram origem à gravação digital. Carburadores transformaram-se na injeção eletrônica. Máquinas de escrever deram espaço para os editores de texto de computadores.” (p. 102)

Os primeiros computadores também foram criados durante a década de 1940. Em junho de 1944 o primeiro computador da história, o ENIAC (Electronic Numerical Integrator and Calculator) ou (Computador e Integrador Eletrônico Numérico), começa a ser construído. Contudo só em fevereiro de 1946 é apresentado ao público. Em 1947 já tem novas alterações.

No século XX, a ciência começa a aplicar cada vez mais a tecnologia. O conceito de tecnologia poderá ter maior ou menor abrangência. Segundo Longo (1984), "tecnologia é o conjunto de conhecimentos científicos ou empíricos empregados na produção e comercialização de bens e serviços". (Longo, 1984, s.p.) Assim a tecnologia se foi desenvolvendo até aos dias que conhecemos hoje.

No século XXI, as tecnologias móveis, principalmente os telefones celulares, propagaram-se de forma muito rápida nos múltiplos segmentos da sociedade. Essa propagação só fora possível visto que, no século XX, o engenheiro Martin Cooper liderou o time de pesquisadores que desenvolveu a tecnologia de telefonia móvel na década de 1970. Em contrapartida, só em 1973 se obteve tecnologia para se efetivar uma chamada de um telefone móvel para um telefone fixo. Mais adiante, na década de 1980, é que foi iniciada a sua comercialização e, a partir de 1990, o telefone celular passou a ser comercializado de forma mais global. (Santaella, 2020, p.99)

Na educação, o reflexo das TIC (tecnologias da informação e comunicação) incorpora novas formas de comunicação entre as pessoas e a procura de informações para o conhecimento. “Graças às novas tecnologias de informação, a escola na sociedade, já não é a primeira fonte de conhecimento para os alunos, e às vezes nem mesmo a principal...” (Pozo, 2001, s.p.)

Avançando até aos dias de hoje, enquanto que antes, logo ao início da internet ter aparecido, ela servia como um meio de pesquisa de conteúdos e de novos conhecimentos. Hoje em dia ela é usada para tudo, além de pesquisas de conteúdos, serve também para comunicar, trabalhar, ter aplicações de redes sociais, entre outras... Tudo isto à distância de um clique.

Segundo Line (2010) anteriormente:

A velocidade era baixa, o acesso era geralmente discado e baseava-se numa linguagem de programação chamada HTML - uma plataforma para apresentação de conteúdo. É por isso que todos falavam de sites com muita audiência, aderência, cliques e páginas vistas. A internet significava ver conteúdo. Você podia visitar um site e observar a sua informação, mas não podia modificá-la nem interagir com ela ou com as outras pessoas. (p. 29)

Porém atualmente a internet já não é uma rua de mão única. Através dela agora podemos interagir, consumindo e produzindo conhecimento. É a chamada web 2.0, e suas variantes posteriores como a web “semântica” e web IA (com Inteligência Artificial), para selecionar conteúdos de acordo com as preferências e interesses do utilizador.

Nesse sentido, as crianças de hoje cresceram na era digital. Estas crianças não ficam maravilhadas com a tecnologia, nem questionam como foi o avanço da mesma. Tal como não se questionam como passa a informação num ecrã e todos aqueles conteúdos nas televisões.

Tal como afirma Line (2010) “A televisão é um fato da vida. O mesmo aconteceu com a Geração Internet e os computadores. E, à medida que a tecnologia evolui implacavelmente a cada mês, os jovens simplesmente a absorvem, como se fossem melhorias na atmosfera.” (p.31)

Cada vez temos menos crianças a querer ver televisão. Tanto as crianças como os jovens optam pelos computadores e ipads e os pais não mostram interesse nem preocupação com a situação, isto porque muitos deles são os próprios a entregarem aos filhos tabletes para que estejam quietos nos sofás. Os jovens utilizam a televisão como ruído de fundo e optam pelas tecnologias, os computadores, onde conseguem ter várias janelas abertas e ouvir música, fazer um trabalho, comunicar com colegas ou até mesmo fazer um vídeo chamada enquanto fazem um trabalho de grupo.

Line (2010) demonstra a sua preocupação com o desuso da televisão nesta nova geração:

A Geração Internet assiste a menos televisão do que seus pais, e o faz de uma maneira diferente. É mais provável que um jovem da Geração Internet ligue o computador e interaja simultaneamente com várias janelas diferentes, fale ao telefone, ouça música, faça o dever de casa, leia uma revista e assista à televisão. A tevê se tornou uma espécie de música de fundo para ele. (p.32)

Esta adaptação às novas tecnologias é importante, e fundamental para o desenvolvimento de habilidades e competências. Isto porque cada vez estamos mais dependentes das novas tecnologias, seja a nível pessoal ou profissional.

Santaella (2020):

Chama esses jovens de “polegarzinha”. Trata-se de uma geração que nasceu e convive na era das tecnologias móveis e que utiliza principalmente o smartphone para se comunicar, produzir e compartilhar informações e saberes que são digitados usando principalmente os dedos polegares. (Serres, 2013, citado por Santaella, 2020, p.103)

Em suma, com este estudo podemos perceber que as tecnologias digitais cada vez mais estão presentes no nosso dia a dia, e que apesar de terem sido facilitadoras

em alguns aspetos, também foram negativas noutros. Contudo a maior importância deste estudo debruça-se em compreender os diferentes usos das tecnologias digitais por professores da rede pública e da rede privada de ensino.

“Com o avanço das Tecnologias de informação e comunicação (TIC) a grande revolução na economia na política e nas formas de organização da sociedade e nos processos sociais força as instituições educacionais a repensar os processos de ensino.” (Sales, 2020, p.11)

3. O ensino remoto emergencial vs ensino à distância

Hoje em dia a questão do espaço e da distância entre as pessoas de países diferentes, já não é considerada um problema, uma vez que é contornada pelo uso de tecnologias de telecomunicação, transmissão de dados, imagem e áudio.

A evolução das tecnologias e das redes de comunicação tem provocado mudanças acentuadas na sociedade, dando origem a novos paradigmas, processos de comunicação educacional e novos cenários de processos de comunicação, ensino e aprendizagem.

A linguagem digital, em consequência, implica em todas as formas de comunicação concernentes à oralidade, à escrita, à imagem, ao som, ao colorido, às ações, aos sentimentos e aos valores, convergindo para um mesmo espaço, em qualquer tempo. (Capatan, 2010, s.p.)

Contudo, apesar de já existirem professores a praticarem as aulas online ou ensino à distância, nunca imaginavam que o ensino emergencial causasse mudanças profundas tão rápidas. Com a pandemia todos fomos obrigados a mudar as nossas vidas e rotinas, fomos forçados a passar de um ensino presencial para um ensino remoto emergencial, através das tecnologias.

É importante distinguir os três tipos de ensino que recorrem ao uso das tecnologias digitais. O ensino à distância, o ensino online e o ensino remoto emergencial.

O ensino remoto emergencial, a educação à distância (EAD) e o ensino online não podem ser compreendidos como sinónimos, por isso é muito importante fazer a distinção. O termo “remoto” significa distante no espaço e refere-se a um distanciamento geográfico. Assim este ensino é considerado remoto porque os professores e os alunos estão impedidos por decreto de frequentar as aulas presenciais, devido à pandemia.

Segundo Santaella (2020) EAD costuma designar qualquer modalidade de ensino que se realiza sem a presença síncrona do professor e dos alunos. O ensino online “é uma modalidade específica da EAD com o aprendizado que se faz fora da escola, incrementado pela riqueza de conteúdos que os novos formatos interativos e dinâmicos permitem, como vídeos, áudios, imagens, atividades e jogos.” (p.153)

Villardie Oliveira (2005) afirma que:

A distinção entre o ensino à distância e educação à distância demarca os limites de uma ação educativa da qual o ensino é apenas uma parte. A educação segundo os mesmos autores, só se efetiva quando é possível aprender, quando o próprio sujeito é capaz de construir e reconstruir modelos. (s.p.)

Passos (2018), refere que atualmente ainda não há denominação padrão no mundo para o conceito de Educação à Distância. A autora cita que:

...essa modalidade de ensino recebeu denominações diferentes em vários países; educação ou estudo por correspondência no Reino Unido; estudo em casa e estudo independente nos Estados Unidos; estudo externos na Austrália; tele-ensino ou ensino à distância na Alemanha; educação à distância na Espanha; educação à distância em Portugal; educação à distância no Brasil, etc... (p.11)

A DGESTE (Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares), (2020) afirma “O Ensino à distância funciona através de uma plataforma digital, constituída por salas de aulas virtuais, organizadas por público-alvo, ano e ciclo de escolaridade, com recurso a formas de trabalho síncronas e assíncronas.” Contudo, de acordo com o documento, este ensino é destinado para crianças/alunos que por razões de saúde ou outras consideradas relevantes não possam frequentar presencialmente a escola por um período superior a dois meses e tenham obtido o parecer da DGESTE (Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares) em articulação com a DGE (Direção Geral da Educação) e no caso dos cursos profissionais com a ANQEP (Agência Nacional para a qualificação). Além disso, destina-se apenas a alunos do 2.º e 3.º ciclo do Ensino Básico. (s.p.)

A EAD é uma educação como já referido planejada e adaptada ao ensino online, que foi preparada para ser dada através das novas tecnologias.

A educação à distância é uma modalidade educacional no qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem, ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes, tutores e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (Ministério da educação, 2020, s.p.)

Em contrapartida o ensino remoto emergencial “é uma solução temporária e estratégica que permitirá durante o contexto da pandemia de covid-19, proporcionar à comunidade académica a possibilidade de manter, dentro das circunstâncias possíveis, as atividades de ensino.” Hodges, Moore, Locke, Trust, Bond, 2020, sp. Ou seja, o ensino remoto emergencial é apenas uma mudança curricular temporária e alternativa devido às circunstâncias da crise, podendo fazer uso, para isso, de estratégias da Educação à Distância e do ensino *online*. O ensino remoto emergencial segundo os autores Hodges et al., 2020:

Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instituição ou educação que, de outra forma, seriam ministrados pessoalmente ou em cursos híbridos e que retornarão a este formato assim que a crise ou emergência arrefecer.” (s.p.)

O ERE (Ensino Remoto Emergencial) não apareceu para fazer alterações permanentes na sociedade, pode eventualmente fazer alterações do ensino, uma vez que as escolas podem começar a pensar em inserir as TIC (Tecnologias de informação e comunicação) nas aulas, mas não apareceu com esse objetivo.

O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário a instruções e apoios institucionais de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de maneira confiável durante uma emergência ou crise. (Hodges et al., 2020, s.p.)

Para terminar, podemos afirmar que este ensino remoto emergencial é de emergência porque do dia para a noite o plano anual do ano letivo teve de ser alterado. Passando os professores a terem de alterar as suas aulas e atividades. Os professores começaram a trabalhar através de aplicações, videochamadas, páginas de internet, etc. Devido à novidade do processo, diversos recursos foram aprendidos por tentativa erro, e com grandes dificuldades a transpor.

4. Vantagens e desvantagens do ensino emergencial

Com a pandemia Covid-19 o ensino remoto emergencial passou a fazer parte do nosso dia-a-dia. Até aos dias de hoje nunca tinha havido a necessidade de recorrer às aulas online e deixar o ensino presencial de lado, especialmente com crianças. Assim sendo, o país não tinha experiências significativas no ensino a distância para crianças e jovens, por isso, foi necessário aderir à prática de forma emergencial.

Para Chaves (1999), o próprio conceito de ensino à distância relaciona-se com a tecnologia, uma vez que são as tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz, imagem, informação, conhecimentos, etc, que tecerão a educação à distância entre alunos, professores, pais e colegas de trabalho. Da mesma forma, o surgimento do microcomputador e a sua ampla utilização doméstica e o mais recente acesso à internet, permitiram que diversos recursos se incorporassem no ensino à distância.

Com a pandemia instaurada o ensino emergencial trouxe as suas vantagens, tais como afirma Rodrigo Dutra (2021) na entrevista Tutormundi:

1. Flexibilidade – o aluno pode acompanhar as aulas em qualquer local com acesso à internet.
2. Horários personalizados – Os estudos podem acontecer fora do horário escolar, quando o aluno ou o professor precisam.
3. Menos pressão social – O ambiente virtual escolar no ensino remoto é menos propício para o surgimento de problemas como o bullying e o assédio. Desta forma, os alunos podem aprender com menos ansiedade sobre o julgamento dos colegas.
4. Ritmo de aprendizagem ditado pelo estudante – o aluno avança de acordo com seu próprio ritmo, evitando que o desempenho da turma seja influenciado, podendo os pais dar um maior apoio.
5. Qualquer problema que surge pode recorrer à professora individualmente.
6. Comunicação multimédia – com o auxílio das Média, a troca de informações e o esclarecimento de dúvidas entre aluno e professor acontece em vários formatos, por texto, áudio, vídeo etc.
7. Controle da turma – Em uma sala de aula online, o professor pode ter mais controle sobre a conversa e as distrações com o colega do lado, conseguindo assim um ambiente mais silencioso (desligando microfones).
8. Benefícios das plataformas digitais – Os ambientes virtuais de aprendizagem contam com diversas funcionalidades que permitem tornar o aprendizado ainda mais dinâmico e divertido.

Na opinião de Thuinie (2021) a principal vantagem é a possibilidade de flexibilização tanto de horários como conteúdos dados. Além disso, os alunos conseguem adaptar a sua rotina produtiva à necessidade de formação. O erro da maioria das escolas foi ter optado pelo horário online igual ao do ensino presencial.

Ainda Dutra (2021) na entrevista Tutormundi, fala também das desvantagens do ensino à distância:

1. Supervisão dos pais – Para crianças mais novas, existe a necessidade de acompanhamento dos pais ou responsáveis, que precisam de estar em casa durante a aula.
2. Falta de atenção – Alguns alunos apresentam dificuldades de aprendizagem e dificuldade na sua concentração. Nesse caso, propostas de intervenção pedagógica podem vir a ser necessárias.
3. Excesso de telas – A luz da tela pode causar problemas nos olhos, por isso é importante que as atividades remotas também aconteçam offline (trabalhos individuais).

4. Sociabilidade prejudicada – A interação social que vem com a escola presencial é reduzida. É importante encontrar outras atividades sociais para os alunos.
5. Interação em comunidade – Sem encontros presenciais, o senso da comunidade fica instável, o que impacta na formação social dos estudantes.
6. Estrutura para atividades – Nem todos os alunos têm acesso aos mesmos materiais em casa, e algumas atividades exigem uma abordagem prática e interativa para o aprendizado. Alguns dos alunos nem mesmo acesso às aulas online têm.
7. Acesso à internet – A inclusão digital é um desafio no nosso planeta. Nesse sentido, é importante que políticas públicas que tornem a tecnologia acessível sejam grandes aliadas da educação.
8. Motivação para assistir às aulas – Sem supervisão adequada, os alunos menos motivados podem sair da aula online e envolverem-se noutras atividades externas à aula, como assistir a vídeos do youtube, jogar videogame, conversar com os amigos.
9. Espaço e silêncio – Em casa, os alunos podem não ter um espaço adequado para estudar, silencioso e calmo para se concentrar nas tarefas.
10. Segurança alimentar e física – Para crianças em situação de vulnerabilidade, a escola é o lugar mais seguro. Elas podem estar em lares abusivos, ou precisarem da única refeição que faziam (que era na escola) para se alimentarem adequadamente. O Ensino Remoto não substitui por completo a interação social e a formação integral que a escola oferece. No entanto, pode ser uma ferramenta importante para otimizar o aprendizado e garantir que o ensino aconteça independente das circunstâncias do momento.

No Ensino Remoto, aulas, leituras, debates de textos e atividades ocorrem numa outra dimensão temporal. Por um lado, os alunos têm mais liberdade de organização de tempo, o que exige mais disciplina e compromisso. Essa autonomia com a relação de gestão do tempo é uma grande vantagem. Por outro, alguns deles acabam por ser mais relaxados e menos orientados com o seu material.

Pelas suas características intrínsecas, pela sua própria natureza, a EAD, mais do que as instituições convencionais do ensino superior, poderá contribuir para a formação inicial e continuada destes estudantes mais autónomos, já que a autoaprendizagem é um dos fatores básicos da sua realização. (Belloni, 2003, s.p.)

Além disso, outra vantagem deste ensino foi a possibilidade de exploração de computadores e pesquisas de novas páginas de internet, ajudando num ensino aprendizagem que proporciona um lado mais lúdico.

Arruda (2020) afirma que a educação remota se diferencia da educação à distância, “pelo carácter emergencial”. O ensino através do uso de tecnologias é

importante e diferenciado pelo facto de transmitir conhecimentos aos alunos, mas através de instrumentos digitais.

As ferramentas mais usadas neste ensino foram as tarefas, vídeos, atividades, fóruns, questionários... de forma a estar o mais próximo possível das aulas presenciais. Em relação às desvantagens deste ensino, além das referidas, segundo Lima (2020), faltam as trocas vivenciadas cara a cara, que são tão importantes nestas idades. A falta desse contacto humano, seja físico ou verbal, ou mesmo por “olhares” e “expressões” deixa lacunas no processo de ensino-aprendizagem.

As dinâmicas de sala de aula, o apoio individual dos professores é fundamental, principalmente nas crianças com maiores dificuldades.

A distância física no contexto da educação à distância, chega a ser um fator modificador de comportamentos interferindo no diálogo e brincadeiras das crianças.

Como outra desvantagem deste ensino está relacionada com a internet. Às vezes até podem ter um computador, mas precisam de ter também o acesso à internet que muitas vezes é escasso, pois envolve um pagamento mensal.

Uma desvantagem, podemos também referir o ambiente doméstico. Muitos alunos não têm um bom ambiente em casa, um ambiente calmo e tranquilo, de forma a terem possibilidade de realizar as tarefas, trabalhos e de estar nas aulas online em silêncio.

Segundo Ferreira (2020), diretor do Agrupamento de Escolas Cego do Maio:

Relativamente ao ensino à distância do ano letivo passado, um dos aspetos mais negativos que ocorreram foi a ausência de meios informáticos de muitos alunos, em especial dos alunos mais carenciados ou nos agregados familiares mais numerosos. A frustração da escola, enquanto organização, por não conseguir dar resposta aos imensos pedidos das famílias para resolver estes problemas, foi uma situação que ainda hoje não conseguimos ultrapassar e caso se verifique a passagem em breve ao ensino presencial vão reviver-se os mesmos problemas e as mesmas frustrações. (s.p.)

Em conclusão, posso dizer que apesar de serem autores diferentes, partilham da mesma opinião em relação a algumas vantagens e desvantagens deste ensino online. Ainda assim, refiro que por experiência própria, nem sempre é fácil ter todos os alunos na sala de aula virtual, isto porque mesmo tendo sido oferecidos computadores, às vezes têm mais que dois irmãos e aí já têm de partilhar o computador para as aulas online. A falta de meios tecnológicos foi a principal desvantagem deste ensino online. Contudo também teve as suas vantagens, tais como a partilha de tempo em família. Alguns pais também tiveram a possibilidade de doar o seu tempo e dar apoio aos filhos a 100%.

5. Educação e pandemia

O ano de 2020/2021 ficará marcado como um ano atípico e prejudicial para muitos alunos e estudantes, em particular aqueles que mais necessitam de apoios.

O impacto causado pela pandemia do Coronavírus tem vindo a alterar a rotina da população a nível mundial. Diversas áreas foram atingidas por essa pandemia, entre elas a educação.

Assim que foi declarada que a pandemia do Covid-19 estava a tomar graves proporções, o Ministério da Educação definiu critérios para a prevenção do contágio nas escolas. Uma das medidas tomadas foi a inclusão das aulas remotas nas escolas como alternativa à interrupção das aulas presenciais.

Com este isolamento algumas escolas criaram meios para dar continuidade à rotina de estudos, utilizando o ciberespaço e os meios de comunicação, em que os principais foram a televisão e o computador.

Segundo a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), “a crise causada pela pandemia resultou no encerramento das escolas, como já referido e afetou mais de 90% dos estudantes do mundo.” (s.p.)

Segundo o professor António Mendes (2020), numa reunião do conselho geral da Universidade de Aveiro, referiu que o Estado decretou algumas soluções provisórias e temporárias para atenuar e minimizar os graves danos introduzidos pelo aparecimento do vírus, obrigando as escolas a fechar. Introduziu-se o recurso à televisão e passou-se a utilizar os computadores, telemóveis e tablets para as aulas online. No primeiro confinamento não correu tão bem quanto o segundo, que foi um confinamento mais calmo, em termos de ensino, devido à distribuição de novos equipamentos informáticos aos alunos e professores.

Na minha opinião e depois destas experiências que foram realizadas com recurso à televisão e aos meios tecnológicos mais avançados dos computadores, dos telemóveis, e dos tablets, importa que se proceda a uma avaliação séria do que correu bem e do que correu menos bem, sendo certo que haverá seguramente uma conclusão que eu tiro de imediato: o ensino presencial não tem uma verdadeira alternativa nas tecnologias do ensino à distância. (s.p.)

Podemos afirmar que a correlação existente entre o nível socioeconómico do aluno e os resultados escolares são visíveis quando à falta de meios e material essencial. Ou seja, de uma forma geral, os mais desfavoráveis têm maior dificuldade em obter

bons resultados, do que aqueles que pertencem a meios economicamente mais privilegiados. Além da falta de acesso às tecnologias juntam-se ainda a falta de condições em casa, isto é, de um espaço calmo e tranquilo, o próprio ambiente familiar e pessoas com conhecimento e disponibilidade para auxílio.

A inovação tecnológica produz mudanças nos valores e nas normas de uma sociedade e, logo, constitui uma fonte de pressão sobre o currículo e sobre a aprendizagem.” O facto de a Internet se apresentar como um meio possível para apoiar e inovar múltiplos modos de aprendizagem entre a população em geral e em particular entre alunos e professores, é considerado um dos fatores que mais influencia o currículo (Means, 2008, s.p.).

Neste processo em que estamos todos a aprender a conviver com esta nova forma de estar, os professores têm também um papel fundamental na vida destes alunos, por não os abandonarem, por os incentivarem e os ajudarem da melhor forma. Além disso, muitos foram os professores que disponibilizaram tempo após as aulas para trabalhar com os seus alunos.

O fecho das escolas possibilitou a criação do recurso às tecnologias digitais possibilitou alargar como se pode aprender e permite inovar processos e transformar práticas de aprendizagem e de ensino.

Este ensino também teve consequências que estarão ligadas não só ao ano letivo de 2020/2021 pois irá refletir-se no próximo ano 2021/2022 e talvez nos demais. Assim devem começar a pensar em estratégias adequadas para o novo ano, tais como:

1. Avaliar os danos causados nos alunos;
2. Encontrar formas de as crianças não ficarem novamente prejudicadas;
3. Definir formas de ensino para os alunos NSE;
4. Ponderar aulas TIC para que os alunos fiquem com noções básicas;
5. Planificar turmas e horários que seja possível estar no ensino presencial em segurança;
6. Caso se volte a ir para casa, garantir que nenhuma criança fica sem acesso às aulas online;
7. Estabelecer ligação com as famílias;
8. Mesmo em ensino presencial arranjar forma de continuarem a trabalhar com material online;

Ainda antes da pandemia já havia a importância da inovação da tecnologia nas escolas, a pandemia a mostrar que é urgente mudar a educação equipando as escolas

e incluir as tecnologias digitais na rotina diária das crianças. Os professores devem de ter uma formação para eles próprios conseguirem ajudar.

A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Ora, as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) transformam espetacularmente não só as nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar. (Perrenoud, 2000, p.125)

A tecnologia tem vindo a mostrar-se cada vez mais avançada e importante para a sociedade. Além disso está cada vez mais presente na vida das crianças, não só para ensinar, mas também para aprender. Assim sendo, na escola não pode ser diferente, tal como já afirmava Perrenoud (2000):

A educação, de modo geral, modifica-se, transforma-se, desenvolve-se junto à sociedade, lugar onde nascem novos hábitos, costumes e necessidades de aprendizagem. A educação não pode manifestar-se em diferentes modalidades de ensino, ter diferentes objetivos, metodologias e abordagens, dependendo do curso do nível de ensino e do público-alvo. (p.139)

Em contrapartida, Santaella e Braga (2017) afirmam que apesar das escolas tentarem acompanhar os avanços tecnológicos, não é uma tarefa fácil. "...A educação não tem, de modo algum, se mantido estagnada diante das metamorfoses da cultura digital. Embora, de facto, acompanhar o ritmo acelerado dessas metamorfoses não seja tarefa simples..." (s.p.)

Em suma, a pandemia veio a mostrar que realmente os meios tecnológicos e a introdução dos mesmos no mundo da educação, são sem dúvida importantes. Não só para, neste caso, o ensino emergencial, mas para outras diversas situações tão importantes, pois a tecnologia fará parte do nosso futuro e principalmente do futuro destas crianças, seja a nível profissional como pessoal, uma vez que os avanços serão cada vez mais.

6. O ensino de emergência

Castells (2008), afirma que "a cultura digital é a cultura do nosso tempo, pois a linguagem digital já é comum nas formas de comunicar, produzir e difundir conhecimentos, (...) Convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva." (p.135)

Santaella (2010) concorda com Castells, pois esta diz que a vivência digital "é muito relevante para a cultura escolar e seu papel na vida social contemporânea,

graças à digitalização e compreensão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador.” (p.71)

Ainda segundo Santaella (2013) a cultura digital é compreendida como as diferentes formas de interação e de sociabilidade que influenciam diretamente as culturas sociais. “tecido não só com a abstração das informações, mas paradoxalmente também tecido com os mesmos afetos que dinamizam nossas vidas tecido tramado por sentimentos, desejos, expectativas, ações, frustrações e descobertas.” (p.233)

Vivemos num novo mundo, onde as tecnologias digitais de informação e comunicação caracterizaram-se por uma nova forma de materialização.

Tal como afirma Santaella (2001), “A informação que vinha sendo produzida e difundida ao longo da história da humanidade por suportes atômicos (madeira, pedra, papiro, papel, copo), atualmente é circulada pelos bits- códigos digitais universais (01). (s.p.)

A pandemia do covid-19 veio acentuar e mostrar que existem diferenças entre estudantes no acesso e qualidade dos dispositivos digitais voltados ao estudo. Contudo foi possível perceber que a sociedade pode adaptar-se às mudanças necessárias.

Ainda no mesmo seguimento, é possível afirmar que as tecnologias da informática têm transformado a sociedade e o nosso dia-a-dia. Com a internet é possível tanta coisa, desde a criar sons, imagens, vídeos, gráficos, trabalhos, a descoberta de infinitas informações, a não ter muros no conhecimento de novas pessoas, novos países, o diálogo com alguém do outro lado do planeta, a substituição de humanos nos locais de trabalho, etc. A verdade é que a tecnologia nos cativou e cativa todos os dias.

Em 1999 Castells afirmou que “A informação representa o principal ingrediente da nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico da nossa estrutura social.” (p.55)

A pandemia, acentuou esse aspeto e foi ainda uma situação que nos veio mostrar que pode ser preciso, de um momento para o outro, alterar tudo, a nossa maneira de estar, consumir, viver, ensinar, aprender, comunicar, brincar, entre outros aspetos.

Não estamos a ter um regresso à normalidade. Algumas famílias perderam os seus empregos e os seus rendimentos, muitos dos alunos foram prejudicados por falta de materiais necessários para um ensino online, a economia caiu bastante, devido à falta de turismo e à proibição de viagens e passagens entre conselhos. Tal como

afirma Santos (2020) questionava como será o regresso à normalidade, admitindo que o regresso não será igual para todos.

Quando se reconstituirão os rendimentos anteriores? Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras? Nos casos em que se adotaram medidas de proteção para defender a vida acima dos interesses da economia, o regresso à normalidade implicará deixar de dar prioridade à defesa da vida?” (p.30).

O ensino remoto de emergência (ERE) levou a exaustão muitos pais, alunos e professores. Levou muitas pessoas ao desemprego e os docentes viram-se obrigados a tirarem várias formações, umas pagas outras gratuitas, sobre plataformas digitais e novas metodologias.

Os professores tiveram a necessidade de recorrer a recursos diferenciados e mais atrativos de forma a poderem variar as estratégias para fomentar a autonomia dos alunos.

As tecnologias digitais mais utilizadas durante a pandemia na prática do ensino online são os ambientes virtuais de aprendizagem disponibilizados no ciberespaço, ou seja, a partilha de informação e as videochamadas, como o Zoom e o Teams.

Moreira (2020), teme que o ensino emergencial venha a ter sido apenas uma recriação do ensino presencial com horários e aulas idênticas, em vez de se mostrar revolucionário, o que acaba por usar as aulas online sem o estar a usar em seu potencial. Isto porque as técnicas de ensino utilizadas em sala de aula não podem ser as mesmas utilizadas no ensino online, pois para algumas crianças tendem a distrair-se mais facilmente, a não ter apoios que a ajudem com os trabalhos pedidos individualmente, etc.

Para haver uma dinâmica EAD esta deve ter:

pelo menos três componentes: síncrono, assíncrono e trabalho autónomo, que devem ser combinados de forma a promover sempre o objetivo final da escola, ou seja, a aprendizagem dos alunos.

A plataforma de EAD é um software, criado e gerido para o exercício das atividades online. Em última análise, a plataforma equivale à sala de aula online, na qual os professores-tutores interagem com seus alunos, que estão geograficamente dispersos. (Édmea Santos, 2005, s.p.)

Como lugar de contexto histórico-cultural, o ciberespaço, o espaço existente no mundo da comunicação, fez parte do ensino remoto. Ele é muito mais que um meio de comunicação ou Mídias. Rede é sem dúvida a palavra chave do ciberespaço.

Santaella (2001), afirma, “[...] quaisquer meios de comunicações ou Mídias são inseparáveis das suas formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio.” (p.45, 46).

Contudo aqueles Mídias que conhecemos, como o jornal, a rádio, as revistas, cada vez mais são em formato digital. Nesse sentido, as tecnologias destacam-se das demais pela capacidade de articulação, seja no aspeto de linguagem, articulando com a oralidade, a escrita e o próprio digital.

Santaella (2001), esclarece:

Transmissão digital quer dizer a conversão de sons de todas as espécies, imagens de todos os tipos, gráficas ou videográficas, e textos escritos em formatos legíveis pelo computador. Isso é conseguido porque as informações contidas nessas linguagens podem ser quebradas em tiras de 1 e 0 que são processadas no computador e transmitidas via telefone, cabo ou fibra ótica para qualquer outro computador, através de redes que hoje circundam e cobrem o globo como uma teia sem centro nem periferia, ligando comunicacionalmente, em tempo quase real, milhões e milhões de pessoas, estejam elas onde estiverem, em um mundo virtual no qual a distância deixou de existir. (p.14)

Para Lemos (2002), uma vez que temos os Mídias em sintonia com o digital podemos, em chamar de cibercultura que é o conceito usado num ambiente artificial desenvolvido, usar ferramentas informáticas, transmitindo cultura modificar relações sociais e repensar o ensino:

Podemos entender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 1970. (p.131)

7. A exaustão do docente durante o ensino emergencial

Santos (2020) procurou compreender os impactos da COVID-19 no ensino remoto emergencial em Portugal, destacando aspetos comunicacionais, sociais, tecnológicos e pedagógicos. A ausência da interação e da relação interpessoal natural e física, cara a cara, bem como a ação de desativar câmara e áudio em videoconferências, consolida a lógica unidirecional do ensino e aumenta ainda mais a percepção dos professores falarem sozinhos.

Deste modo, o distanciamento físico, a transferência e adaptação do trabalho em casa, bem como a intromissão das tecnologias nas nossas casas, têm causado uma sensação de perda da vida privada e familiar dos professores, uma vez que chegam a um ponto que não existe distinção do seu local de descanso e familiar do espaço de trabalho.

Com o início da pandemia e com os casos a aumentar fomos obrigados a ir para casa. As escolas fecharam e as salas deram lugar ao silêncio. Os professores começaram com o ensino remoto, um novo desafio para todos, tanto para os que ensinavam como os que aprendiam.

Muitos professores alegam que o ensino remoto é muito cansativo, que não conseguem chegar a todos os alunos e que inclusive alguns não têm nem material, nem condições para o ensino online.

A Associação Nacional de Professores (2021) afirma “São inúmeras, não se sabe ao certo quantas, as solicitações de atestados psicológicos e psiquiátricos nestas últimas semanas, deixando descalças várias turmas.” (s.p.)

O ensino remoto emergencial é mais trabalhoso no sentido em que as aulas têm de estar muito bem estruturadas e planeadas, com bons recursos para que os alunos não se deixem levar pelo desinteresse.

Édema Santos (2019) refere que o grande dilema dos professores/docentes é como preparar uma aula online interessante. É importante criar conteúdos hipertextuais, sistematizar narrativas, criar novos trabalhos em grupo de forma a que haja sempre aprendizagem. Freire afirma “não existe docência sem discência” é proposição também para a docência online.

Apesar das múltiplas possibilidades de modos de organização, um ponto deve ser comum a todos aqueles que desenvolvem projetos nessa modalidade: a compreensão da educação como fundamento primeiro, antes de se pensar no modo de organização. Nesse sentido, a mediação do processo ensino aprendizagem está fortemente vinculada ao material didático que requer uma previsão diversificada e flexível de conteúdos e atividades, oferecendo aos estudantes alternativas de como se inserir de modo autónomo na relação pedagógica. (Maturana & Varela, 2005, p. s.p.)

Durante o tempo de pandemia ou não é fundamental os professores terem uma boa relação entre si e saberem trabalhar coletivamente, pois a comunicação e interação são importantes e edificantes para o ensino:

Portanto, a conceção cotidiana da convivência precisa estar fundada no respeito que reconhece a legitimidade do outro num projeto comum fundado na cooperação, em que a criação de um mundo de convivência surja como modo legítimo de vida. Em outras palavras, atuar no saber que ninguém é dono da verdade, e que o outro é tão legítimo quanto qualquer um. (Maturana, 2001, s.p.)

Nesse trabalho, uma dificuldade apontada pelos professores refere-se aos aspetos pedagógicos, ou seja, à fragilidade no desenvolvimento de competências direcionadas às estratégias metodológicas e práticas do ensino emergencial. A pré-pandemia já mostrava que tanto alguns alunos, como pais e professores apresentavam dificuldades

na utilização de ferramentas tecnológicas, de plataformas digitais e a falta de formação específica, situação que se veio a comprovar com a pandemia do novo coronavírus.

“Para auxiliar neste processo, a Coordenação de Integração de Políticas de Educação à Distância (CIPEAD) articulou um esquema de formação emergencial para docentes. Desde abril de 2020, já passaram pelas vivências formativas ofertadas, cerca de 1340 docentes.” (Hodges, et al., 2020, s.p.)

Desta forma, em muitos contextos, o ensino remoto emergencial evidenciou-se mais cansativo e desgastante para os envolvidos no ensino: pais, alunos e professores.

Capítulo IV- Metodologia

Para realização deste relatório final que integra um estudo que começou durante a pandemia Covid-19 comecei por escolher o tema do mesmo. Como já referido, na introdução, o interesse por este estudo partiu da prática de ensino supervisionada do estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico, após ter percebido no início das aulas presenciais que houve alunos prejudicados devido à falta de meios tecnológicos.

Em conversa sobre a turma com a professora cooperante de estágio, esta reforçou as dificuldades que tinham os seus alunos afirmando que tinha uma colega com quem partilhava ideias, num colégio privado, que estava muito adiantada face a ela e que dizia que os alunos estavam perfeitamente à vontade com os conteúdos, inclusive que, durante a pandemia, estiveram sempre preparados para a realização de atividades. Referiu, igualmente, que os pais se demonstravam disponíveis para ajudar no que fosse necessário.

Ainda em conversa com a professora cooperante não tem nenhum método para utilizar com os alunos, à exceção daqueles com Necessidades de Saúde Especiais (NSE) que utiliza o método das 28 palavras. Este método inicia-se com 28 palavras lidas e escritas pelo aluno e baseia-se num conjunto de rotinas orientadas para a consciência silábica preexistente no aluno e que, em condições normais, lhe permite, ainda antes do final do primeiro período, a leitura e compreensão de textos com muitas palavras. Durante a fase pandémica esses alunos também não conseguiram acompanhar todos os conteúdos pois as horas com os professores de Educação Especial foram reduzidas.

Neste sentido desenvolvi uma pergunta de investigação: Quais as diferenças entre o ensino público e o ensino privado que se acentuaram com a pandemia?

Para obter respostas à minha questão de investigação, criei uma entrevista base que a coloquei em prática em duas escolas, uma foi na Escola Arco-íris em Lisboa, esta uma escola pública que envolve três bairros sociais, e a outra o Colégio dos Peixinhos em Almada.

Optei pela entrevista para conseguir ter respostas mais diversas, dando a possibilidade de cada professora dar a sua opinião e contar como tinha sido o ensino remoto emergencial com as suas turmas.

A Escola Arco-íris, segundo as professoras entrevistadas pertencentes à mesma, é uma escola com alguns alunos problemáticos e com baixas capacidades económicas, em que muitos deles mesmo durante a pandemia continuaram a ir à escola apenas

para buscar as refeições. A maior parte dos alunos envolvidos não tinham meios tecnológicos para aceder às aulas remotas, sendo assim prejudicados durante este ensino emergencial.

O Colégio dos Peixinhos, segundo as professoras entrevistadas, é um colégio calmo, com alunos aplicados e encarregados de educação exigentes. Durante o ensino remoto emergencial não sentiram grandes dificuldades, uma vez que todos os alunos têm o seu próprio equipamento informático bem como todos eles têm acesso à disciplina de TIC, aprendendo assim a trabalhar com as tecnologias atuais. A entrevista base que criei, foi colocada em prática a oito professores do sexo feminino, ou seja, 4 professores do ensino público, duas do 1.ºano e duas do 4.º ano, bem como 4 professores do ensino privado, duas do 1.ºano e duas do 4.ºano. No presente caso utilizou-se a entrevista como técnica de recolha de dados. As entrevistas são a melhor forma de conseguir obter informação do público alvo que esteve no direto com o nosso estudo, neste caso, que estiveram a passar pela situação que procuramos abordar. Além disso é uma das técnicas mais utilizadas em trabalhos científicos, uma vez que permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico.

Ribeiro (2008) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (p.141)

Desde o início considerei que a escola pública onde faria as entrevistas seria no meu local de trabalho, pois por uma questão de logística facilitaria o meu contacto direto com as professoras. Formalizei o pedido e apresentei à diretora da escola, ao qual foi logo aceite.

Quanto às entrevistas da escola privada foi um pouco mais complicado. Primeiramente fiz o pedido à coordenadora da escola privada que frequentei desde o 1.º ao 6.ºano, ao qual foi recusado. Confesso que fiquei bastante desiludida uma vez que fui aluna na escola e agora que precisava para conseguir terminar o meu mestrado não foi aceite. Assim, comentei com a minha professora orientadora de estágio, que rapidamente se propôs a ajudar e a passar alguns contactos de um colégio onde já tinha trabalhado. Mais uma vez formalizei o pedido à direção da escola, pedido esse que me foi aceite, conseguindo assim ficar com as duas escolas que precisava para concluir o meu estudo.

Como já referido, criei uma entrevista (Ver apêndice nº1), do tipo semiestruturada, com catorze perguntas enquadradas num conjunto de objetivos que foi definido para as mesmas. As entrevistas a cada professor demoraram entre 30 a 40 minutos.

Foi necessário um mês para a realização das mesmas devido à minha incompatibilidade de horários com as dos professores.

A primeira e a segunda questão tinham como objetivo conhecer um pouco sobre a professora entrevistada e o seu percurso até à educação. Na terceira e quarta questão quis perceber como funcionavam as aulas antes da pandemia e se os alunos já tinham contacto com as tecnologias.

Na quinta questão questionei que uso dá ao telemóvel, se é um instrumento muito usado em sala de aula ou mais para questões pessoais. A sexta e sétima questão teve como principal objetivo perceber se as professoras já tinham conhecimento das aplicações que tiveram de utilizar durante o período pandémico e como fizeram para que elas contribuíssem para o ensino-aprendizagem. A questão oito foi colocada para perceber se as aulas da televisão foram utilizadas com regularidade, apenas como recurso, com obrigatoriedade, etc. A intenção seria perceber o ponto de vista de cada professor face a essas aulas. A questão nove serviu para perceber como é que cada professor fez para trabalhar com a turma, se tem alunos NSE que tenham precisado de um apoio diferente e sobretudo se sentiram que este ensino remoto prejudicou os alunos de uma forma geral.

Na pergunta dez quis perceber se havia concordância entre os professores de forma a entender quais as principais vantagens e desvantagens deste ensino remoto. Na questão onze quis perceber como foi o apoio dos pais, se havia muitos em teletrabalho, se estes cumpriram tudo o que era pedido pelos professores de forma a ajudar o educando, etc. Na questão doze questionei se a pandemia fez perceber as tecnologias digitais como fundamentais nas escolas, e posteriormente, daí ter questionado se com o início das aulas presenciais iriam continuar a utilizar as tecnologias.

A questão treze, coloquei mesmo sabendo que as repostas iriam ser unânimes, contudo queria confirmar se os professores de diferentes “campos”, se tinham preferência pelas aulas online ou presenciais.

Para terminar, uma vez que já tinha ouvido várias queixas de diversos professores, quis perceber se realmente havia ou não mais exigências no ensino remoto que no ensino presencial.

Numa primeira fase, realizei um projeto piloto desenvolvido conjuntamente com a minha professora orientadora de estágio, de forma a conseguir perceber se a

entrevista estava explícita e ia ao encontro do que pretendia. Após algumas alterações passei para a fase seguinte, ou seja, entrevistar as quatro professoras da escola pública e as quatro da escola privada do 1.º ciclo. Ainda em relação às entrevistas, devido à pandemia, apenas consegui fazer pessoalmente às professoras da escola pública, às professoras da escola privada as entrevistas ocorreram individualmente por via telemóvel, para que todas conseguissem responder. Ainda assim, devido à incompatibilidade de horários, as entrevistas demoraram cerca de dois meses a serem realizadas a todas as professoras.

Terminadas as entrevistas e a transcrição das mesmas, passei à análise. As entrevistas trouxeram dados substanciais para a construção de respostas à minha questão inicial, em que é possível perceber que realmente existem diferenças entre as escolas públicas e privadas, que se acentuaram com a pandemia.

Em suma, após a análise das entrevistas, e segundo a opinião das entrevistadas, é possível perceber que alguns alunos do ensino público ficaram mais prejudicados em relação aos alunos do ensino privado, devido à falta de recursos tecnológicos e à falta de condições económicas para um ambiente de estudo calmo e sereno.

1. Caracterização das escolas onde foram realizadas as entrevistas

O estudo recorreu a entrevistas com quatro professores, de uma escola pública à qual foi atribuído o nome fictício de “Escola Arco-Íris” e a mais quatro professores de uma escola privada a que foi atribuído o nome, também fictício, de “O Colégio dos Peixinhos”.

Desta forma é possível manter tanto a privacidade das Escolas como dos professores entrevistados.

Começando pela escola pública, a “Escola Arco-Íris” pertence a um dos agrupamentos da área metropolitana de Lisboa. Foi construída no ano de 1955, inicialmente contava apenas com escola do 1.º Ciclo do ensino básico e só mais tarde abriu também a parte do pré-escolar. Em 2017 levou obras enormes tendo trazido novas condições. É uma escola pública que apesar do ambiente em volta e de alguns pais e crianças serem conflituosos, é tranquila e com boas condições. Esta escola

acolhe crianças desde a educação pré-escolar, ou seja, desde os 3 anos de idade até aos 10 anos, o que equivale ao 4ºano.

A escola tem uma diretora e mantém parceria com a associação de pais. É uma associação de pais bastante presente e que luta bastante pelo bem-estar de todas as crianças. Segundo a informação recolhida no agrupamento apenas 13% dos pais têm estudos acima do secundário.

A escola conta também com quatro funcionários, dois em cada pavilhão. Três educadoras em que cada uma tem a sua auxiliar e há ainda uma outra auxiliar que é polivalente e que ajuda onde for necessário.

Além disso, há oito professores titulares, duas turmas de primeiro ano, duas turmas de segundo ano, duas turmas de terceiro ano e duas turmas de quarto ano, duas professoras de ensino especial e uma da turma mais (nome atribuído aos alunos que são retirados das próprias turmas pelo período da manhã, por estarem mais avançados que a restante turma).

Em termos de atividades extracurriculares, há dois professores de música, cinco de educação física e uma de inglês. Em ATL (Atividades de Tempos Livres), sempre foram apenas três pessoas, duas no jardim-de-infância das 15h às 19h e depois uma subia para o primeiro ciclo onde permanecia das 17h30 às 19h. No entanto, com a pandemia houve a necessidade de divisão de grupos, pelo que teve também de haver uma alteração e colocar mais trabalhadores. Neste momento são quatro pessoas em jardim-de-infância, às 17h uma sobe para primeiro ciclo, ficando três em jardim-de-infância, uma delas faz o apoio às duas salas. No primeiro ciclo para além da funcionária que sobe conta com a ajuda de mais duas funcionárias. A escola encontra-se aberta até às 19h.

O projeto implementado este ano 2021/2022 pela escola é “Protege a Terra” em que cada sala trabalha individualmente o que vai plantar e pintar na escola, mas com um objetivo em comum.

Em relação ao “Colégio dos Peixinhos” foi fundado em 1967. O Colégio foi construído de raiz, passou por todos os processos que envolvem abrir um colégio, começando pela parte financeira. O edifício nasceu e cresceu na Caparica, Setúbal.

O Colégio dos Peixinhos é uma eco escola e todos os alunos contam para ajudar a melhorar a consciência global sobre sustentabilidade e ambiente. É importante para o colégio os alunos trabalharem a sustentabilidade, a proteção do meio ambiente e o bem-estar do nosso planeta.

O Programa Eco Escolas é um programa internacional, coordenado em Portugal pela Associação Bandeira Azul.

A sua metodologia é inspirada nos princípios da Agenda 21 local, adotada na Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento (vulgarmente designada por Cimeira da Terra), que procura unir a proteção do ambiente com o desenvolvimento económico e com a coesão social. Este Programa pretende garantir a participação de crianças e jovens na tomada de decisões, envolvendo-os assim na construção de uma escola e de uma comunidade mais sustentáveis. Destina-se a todos os níveis de ensino.

Há sete anos que o Colégio participa neste Programa, tendo sempre recebido a bandeira verde, a qual pretende destacar as escolas mais ecológicas. Porém, este facto só foi possível com a ajuda e o envolvimento de todos os alunos, encarregados de educação, pais, docentes e não docentes.

O grau de ensino do colégio, segundo as entrevistadas, vai desde a creche, passando pelo jardim – de- infância e seguindo-se para o 1.º, 2.º, 3.º ciclo e secundário, mostrando assim ser uma escola privada com boas condições a nível de estruturas. Preocupa-se com a inovação e renovação de um futuro melhor para aqueles alunos. O colégio dispõe de diversas atividades extracurriculares, tais como natação, clube de robótica, ciência viva, futebol, ténis, inglês, economia doméstica, e TIC.

Encontra-se também relativamente perto de um jardim, o que pode facilitar em algumas atividades.

São escolas com diferenças bastante significativas e visíveis, não só pelo tipo de comunidade em cada uma delas, mas pelos próprios recursos existentes nas mesmas.

Para concluir, foi possível perceber que independentemente das tecnologias digitais, já existem várias diferenças não só nos alunos como também nas próprias escolas.

Capítulo V - Resultados

1. Análise das entrevistas

O impacto da pandemia na educação, traz à tona a discussão sobre a urgência de mecanismos para a implementação da educação à distância no nosso país. A tecnologia é um fator primordial no que diz respeito à evolução digital na educação.

Neste capítulo será feita a análise às entrevistas.

As respostas às entrevistas permitiram recolher informações pertinentes para o estudo do Relatório Final do Mestrado. Os resultados descritos foram analisados ao pormenor através das respostas dadas pelas professoras.

Inicialmente quis conhecer o trajeto profissional das docentes. Já a segunda questão veio em seguimento da primeira, em que questionava quais eram as principais diferenças das escolas públicas para as privadas. Todas elas alegam que existem várias diferenças entre o ensino público e o ensino privado, contudo destacam algumas delas.

Já trabalhei 7 anos no privado. Comecei no público, mas depois fiquei sem colocação e concorra ao privado. Tem as suas diferenças, tais como a comunidade educativa, mas nem sempre é mais fácil. Os encarregados de educação por exemplo são mais exigentes, tal como o horário no privado é muito mais exigente do que no público. Em termos de recursos também às vezes pode estar relacionado com o próprio colégio ou a própria escola.
(Prof. B do 1.ºano do ensino público, junho de 2021)

Além de algumas das diferenças referidas pelas professoras nas entrevistas, estas mencionam que, apesar do programa/conteúdos lecionados serem os mesmo para todas as escolas, sejam públicas ou privadas, conseguem exigir mais dos alunos no ensino privado do que no público. Tal como afirma, por exemplo, uma das professoras do 4.ºano da escola privada, "...aqui também tenho de ser mais exigente com as crianças, tenho de exigir mais e puxar mais por eles e no público já não conseguia, tinha de reduzir este ritmo, pois sei que muitos não iam conseguir acompanhar." (Prof. D do 4.ºano do ensino privado, junho de 2021)

Outra diferença que se destaca é em relação aos encarregados de educação. Como podemos verificar metade das professoras do público e um quarto das professoras do privado referem essa diferença, pois afirmam que os encarregados de educação das crianças do privado são mais exigentes, além de que, uma vez que pagam exigem que as notas dos alunos sejam boas. Assim como afirma Oliveira (2020) "as escolas privadas, por selecionarem alunos e serem escolhidas pelas famílias, possuem uma maior probabilidade de ter seus objetivos alinhados." (s.p.) Normalmente

são pais com mais estudos e possibilidades económicas que têm possibilidade de colocar os filhos em centros de explicação. Nas palavras da professora B, do 1ºano da escola privada “no privado, coisa que não é possível no público, é os encarregados de educação assinam um documento que obriga as crianças a passar de ano, mesmo que estas não se encontrem preparadas para tal.” No público as crianças transitam apenas do 1.ºano para o 2.ºano (com dificuldades) mas depois só continuam a avançar caso estejam preparados ou sejam alunos NSE.

Em termos de recursos tecnológicos, as professoras afirmam estar muito bem preparados, pois possuem quadros interativos, material manipulável, espaços para diferentes atividades, meios económicos para mais visitas de estudo, tudo isto que no público são mais escassos.

Além disso têm turmas com menos alunos o que também facilita no ensino aprendizagem. As professoras que já exerceram em ambos os locais, tanto no público como no privado afirmam ter mais formas de ensinar e de transmitir conhecimentos, apostando em aulas mais lúdicas e dinâmicas para manter o interesse nos alunos. Tal como podemos ver na seguinte citação de uma das professoras do 4.ºano do ensino privado, “o nosso colégio é muito inovador nisso. Temos mesmo um projeto em que todos os alunos têm um ipad, o professor tem um ipad, nós temos as ferramentas todas de tecnologia aqui na sala, inclusive um projetor.” (Prof. D do 4.ºano do ensino privado, junho de 2021)

A partir do 7.ºano neste colégio privado, os alunos já não têm manuais, é tudo informatizado, tendo os pais a obrigação de adquirir um ipad (para ser compatível com os computadores da escola) e no início do ano devem logo pedir e pagar o acesso à aplicação digital. Logo aqui temos uma grande discrepância em relação ao público, pois isto nunca seria possível, além de que para que estes alunos consigam manipular bem o Tablet uma das disciplinas que eles têm é TIC. E é implementada logo desde na Educação Pré-Escolar, facilitando o acesso orientado às tecnologias digitais por estas crianças.

Esta diferença é das que mais pode diferenciar os alunos, isto porque enquanto a escola não disponibilizar alguns dos seus recursos, por exemplo material escolar, alguns dos alunos não têm hipótese de ir comprar, nem as professoras podem trabalhar de forma diferente se os alunos não têm como trabalhar.

No que diz respeito às condições de trabalho, referido por duas das professoras no público e uma das professoras no privado, para elas enquanto professoras acaba por ser mais facilitador, isto porque no público são apenas professoras, não dão lanches, não dão almoços e raramente fazem os recreios.

Enquanto no privado, em alguns, estes inclusive também ajudam com os almoços e os recreios das crianças. Além disso, outra diferença, desta vez em vantagem para o público, é nos ordenados dos professores, isto é, apesar da tabela de ordenados ser a mesma, as professoras têm menos carga horária na escola pública, em relação à privada.

Tal como afirma uma das professoras do 1.ºano do ensino público:

Já dei aulas em ambos os locais. Ao nível dos programas é igual. O que muda é que quando estamos a trabalhar no privado estamos a trabalhar para uma empresa e temos um horário diferente, não somos só professoras, somos também ajudantes de refeitório, etc (depende dos colégios), porque também já tive num colégio maior em que era mesmo só professora e tinha um horário como no público, tendo ainda outras regalias. O salário também é diferente tal como as interrupções letivas. (Prof. A do 1.ºano do ensino público, junho 2021)

Bem como refere também uma das professoras do 4.ºano do ensino público.

Já dei aulas também no privado. Existem algumas diferenças do público para o privado, por exemplo, a meu ver os meninos do privado são mais protegidos. Contudo o horário no privado é mais extenso, o vencimento também não é o mesmo e éramos usadas para mais coisas sem ser professoras. O privado tem muito mais recursos que no público, a postura dos alunos também é completamente diferente dos do público, assim como os próprios bens que eles têm. (Prof. D do 4.ºano do ensino público, junho 2021)

Apenas uma professora do público referiu o aspeto do ranking e a disputa que existe pelas notas e pelas escolas privadas em estarem no topo da lista. Normalmente as escolas privadas exigem muito das crianças, treinam várias vezes, ajudam-nas além das aulas, etc para que a exigência do patrão e o valor que os pais pagam seja visível nas notas dos alunos.

O trabalho entre professores é também uma diferença visível, como referido pelas duas professoras do 4.ºano do ensino privado:

... No privado ganho mais e cresci a nível pessoal, ganhando uma grande bagagem. Aqui, trabalhamos em equipa, no público é cada um por si, muito individualismo. Isto porque no público, apesar de estarem também divididos por departamentos de anos com outras escolas do mesmo agrupamento e haver reuniões semanais, cada professor prepara as suas aulas e o seu material sozinho, de acordo com as capacidades da sua turma. No entanto, o mesmo não acontece nas escolas privadas que trabalham em grupo, as professoras das quatro turmas existentes no colégio privado trabalham em grupo, partilham informações, opiniões e cada uma delas fica responsável por uma disciplina, depois reúnem, trocam ideias e assim todo o material fica disponível a todas as professoras." (Prof. D do 4.ºano do ensino público, junho de 2021)

A terceira questão recaía sobre as aulas antes e depois da pandemia, como eram os alunos, como era o trabalho em grupo ou individual, e sobretudo se houve diferenças do primeiro para o segundo confinamento. Ao realizar as entrevistas às

professoras da escola pública, todas elas me responderam que as aulas se mantêm iguais, o que mudou foram apenas as precauções, contudo afirmaram que tiveram de acelerar o processo de aprendizagem, a matéria teve de ser dada de uma forma mais rápida. Primeiro porque tiveram muito tempo em casa e alguns alunos não tinham acesso às aulas online, tiveram de esperar os computadores do Estado o que lhes fez perder algumas horas de aulas. Depois nem sempre era fácil dar todos os conteúdos, ou porque não havia as condições necessárias, ou porque os alunos estavam mais distraídos, etc. Assim, houve a necessidade de, no regresso às aulas presenciais, fazerem revisões sobre algumas matérias abordadas no ensino online.

As professoras do ensino privado têm uma opinião diferente. As aulas por um lado continuam iguais, os computadores e a internet, nada disto é novo, nem para os alunos, nem para os próprios professores, uma vez que antes mesmo da pandemia todo o colégio já utilizava a tecnologia digital disponível. Este aspeto foi referido pelas quatro professoras do ensino privado.

Outro aspeto, este referido por três professoras do ensino privado, é que uma das coisas que mudou foi por exemplo a proximidade dos professores com os alunos, isto acontece porque agora não é possível devido à distância de segurança. Era possível a professora estar sentada ao pé deles, a explicar individualmente, o que agora não é permitido. Além disso, referem ainda que antes da pandemia havia a possibilidade de terem contacto com outros alunos, e alunos de turmas diferentes, onde havia a possibilidade de partilhar experiências e amizades, atividade minimizada com as novas regras.

Em relação também aos alunos, antes da pandemia, uma das professoras do privado refere que os alunos eram mais unidos, não só nos intervalos, mas nas próprias aulas tinham um bom relacionamento e ajudavam-se mutuamente.

Antes da pandemia as aulas eram mais próximas fisicamente, podia sentar-me perto dos alunos e resolver as tarefas de forma mais individualizada. Para além disso a disposição da sala podia ser mais adequada às tarefas (como por exemplo colocar a sala em U para debates) e ainda promover trabalhos de grupo onde os alunos não estão distanciados.” (Prof. B do 1.º ano do ensino privado, junho de 2021)

Três das professoras do ensino privado, referem que sentem as crianças mais imaturas, mais distraídas, mais desatentas, o que não pode acontecer num colégio em que as notas valem muito.

Além disso, uma das professoras refere ainda que as crianças antes da pandemia mostravam ser mais autónomas. É uma das professoras de 1.ºano da

escola privada quem afirma “Antes da pandemia os alunos eram mais autónomos, conseguiam gerir melhor as suas emoções e tinham uma boa relação entre eles. Neste momento, sinto as crianças pouco confiantes, mais imaturas e emocionalmente instáveis.” (Prof. A do 1.ºano do ensino privado, junho de 2021)

Também no ensino privado, duas das professoras sentiram a necessidade de após o tempo de confinamento fazer algumas revisões, uma vez que são as duas turmas do 1.ºano e não foi um ano fácil para o ensino-aprendizagem.

Esta quarta questão, foi realizada exatamente com o propósito de perceber se as professoras apostam com o uso das tecnologias em sala de aula, ou seja, se mesmo antes da pandemia já utilizavam as tecnologias, uma vez que são tão fundamentais para o futuro estas crianças.

As diferenças de respostas a esta questão foram bastante visíveis, diferenças essas que distinguem os professores da escola pública para os professores da escola privada.

Analisando as respostas das professoras do ensino público, apenas uma professora, sendo esta uma das do 4.ºano que tem habilitações para trabalhar com o 2.º ciclo, afirmou que não utiliza mesmo nunca o telemóvel, pois não quer criar maus hábitos nos alunos, com o uso excessivo do telemóvel, como verificou nas aulas online.

O telemóvel não uso mesmo, nem para pesquisas rápidas. Faço mesmo questão de não usar e se precisar do som ligado explico porque tenho o som ligado. Mas isto também é mesmo de mim porque é muito difícil controlar os meninos de 2ºciclo com o telemóvel, assim eu dizia que quando eu tivesse o meu eles podiam ter o deles, e eles nunca me viram a usar. Mesmo assim agora tenho em cima da mesa, mas costumo de ter sempre na mala. (Prof. D do 4.ºano do ensino público, junho de 2021)

Refere que de facto os alunos estavam nas aulas, mas isso não significa que estivessem com atenção, isto porque uma das vezes descobriu que um aluno estava a utilizar o telemóvel porque sem querer colocou uma música do TikTok, o que a fez perceber que o telemóvel era não só usado por aquele aluno, como também era usado mais que uma vez. Foi uma situação que aconteceu com a professora, que de imediato pediu uma reunião com os pais. A mesma professora refere ainda que neste momento tem um grupo de WhatsApp (aplicação) com os pais, mas que o tem só por causa do ensino online, pois foi o pior erro ter dado o seu número, aliás está à espera do final do ano para trocar o contacto pois os pais às vezes ao fim de semana ou mesmo às 22h estão a enviar mensagens.

...Uns estavam a brincar e ainda tive alguns casos que tive de pedir aos pais para lhes tirar o telemóvel, porque estávamos numa aula e passou uma gravação do TikTok

(aplicação), foi aí que percebi que estavam distraídos e com os telemóveis escondidos. Estes meninos não podem ter distrações e um professor controla isso. Este ensino é bom para os mais velhos, para estas crianças não, acredito que alguns aprenderam, mas outros não. Este método de ensino não funciona mesmo, eles não têm capacidade para estar ali sentados a olhar para mim e ouvir com atenção. (Prof. D 4.ºano, ensino público, junho de 2021)

Outra professora, também da escola pública, fala em relação ao uso das tecnologias e telemóvel e afirma, “Utilizava e utilizo apenas para uma pesquisa rápida ou mostrar-lhes alguma coisa.” (Prof. do 1.ºano do ensino público, junho de 2021)

Ainda a mesma professora refere que utiliza como recurso tecnológico, só e apenas o telemóvel, para uso rápido nas aulas, como tirar uma dúvida ou averiguar uma atividade, etc, e ainda para ter um grupo de WhatsApp com os pais. O grupo de WhatsApp com os pais considera que é importante para enviar recados gerais, enviar fotografias de atividades, etc.

As duas professoras do 1.ºano referem a vontade e a importância de utilizar recursos tecnológicos com as crianças. Não utilizam por duas razões, primeiro porque a escola não oferece esses recursos e segundo porque os alunos não têm capacidade de comprar. As professoras gostavam de utilizar o computador para projetar textos, histórias, vídeos, jogos, etc, considerando ser uma mais-valia as cores e o áudio para ajudar estas crianças do 1.ºano. “Utilizava o computador da biblioteca, para fugir um pouco aos livros e cadernos, é fundamental. Mas é o único que utilizo até porque tenho alunos com muitas dificuldades em termos de recursos digitais.” (Prof. C do 1.ºano do ensino público, junho de 2021)

Lencastre (2020), no jornal Observador, realça essa mesma importância:

É dever das escolas potenciar a interdisciplinaridade de forma a que as aprendizagens ganhem sentido prático, que se aproximem o mais possível de casos reais, para que os alunos desenvolvam o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de resolução de problemas.” (s.p.)

Uma das professoras refere ainda, mostrando o seu material manipulável, cartões e jogos que cria para os ajudar na leitura, mas sente que ainda assim é insuficiente e que ao final do dia, os livros e os cadernos deixam de ser interessantes para eles.

Ambas as professoras de 1.ºano da escola pública referem que talvez fosse importante a implementação de uma disciplina de TIC, pois a tecnologia é importante para a aprendizagem. Contudo não utilizam nas suas aulas por falta de material ou por considerarem, que sendo ensino presencial, não é necessário o uso das mesmas nas aulas.

Não. Aliás aqui esta escola não tem recursos tecnológicos, ou por outro lado, tem, mas escassos. Eu já me informei com a diretora e a culpa também é da

escola que não concorreu ao Plano Tecnológico, que é um recurso antigo, fornecido pela União Europeia em que a maior parte das escolas públicas foram equipadas com recursos tecnológicos. Aqui não temos nada disso, por isso teria sido bom terem aderido a esse projeto. Mesmo que às vezes eu queira projetar qualquer coisa tenho de ir à biblioteca e é sempre uma grande confusão. (Prof. D do 4.º ano do ensino público, junho de 2021)

Na escola privada as professoras utilizam muito as tecnologias nas suas aulas, mesmo antes da pandemia.

Sim, as tecnologias acompanham-me desde sempre. Na passagem de filmes, na resolução de exercícios, desafios, jogos através de i-pads e computadores, que todos os alunos têm acesso em sala de aula e mesmo em casa. (Prof. C do 4.º ano do ensino privado, junho de 2021)

Cada criança tem o seu próprio ipad com aplicações próprias para trabalharem em condições. Existe uma aplicação “Programa i” que consiste na realização de tarefas recorrendo a iPads. Para além disso os alunos estão inscritos na Escola Virtual, plataforma de cunho educativo, que é usada tanto para trabalhos escolares como para trabalhos de casa. Ainda assim, as professoras referem que com a pandemia o uso das tecnologias aumentou significativamente.

As crianças utilizam os seus meios tecnológicos sozinhos, pelo que quando foram para casa já trabalhavam sozinhos nos equipamentos sem precisarem de grande ajuda do Encarregado de educação. Isto porque logo no pré-escolar este colégio fornece a disciplina/área de TIC, pois a escola considera que a informática é o futuro.

Na sexta questão considerei pertinente colocá-la na entrevista, para perceber se as professoras conhecem bem o mundo das tecnologias e principalmente se foi fácil lidar com todas estas novas aplicações. Por incrível que pareça eu própria fiquei a conhecer algumas que não conhecia, mas não me admirei com as diferenças de respostas que encontrei do ensino público para o ensino privado.

As professoras do público tiveram algumas dúvidas com a aplicação de softwares como Zoom, Teams e Classroom,(aplicações) bem como as professoras do privado, que apesar de estarem já bastante à vontade com estas aplicações, não eram aplicações usadas no dia a dia por elas. Contudo o Teams já era do conhecimento tanto das professoras do privado como dos alunos, pois é uma aplicação já explorada pela professora de informática nas aulas.

Não trabalhávamos com as aplicações, como por exemplo o Teams, mas já conhecíamos. A professora de informática explora todas essas ferramentas. Contudo durante o confinamento trabalhamos com o Zoom, pois achamos que era mais simples e descomplicado. O único que eu ainda não conhecia muito bem era o Google Forms, mas pedi ajuda às minhas colegas do grupo, uma vez que é assim que trabalhamos. (Prof. D do 1.º ano do ensino privado, junho de 2021)

É importante salientar que no segundo confinamento, realizado no início de 2021 já foi mais fácil para os alunos e professores, isto porque, já sabiam com o que podiam contar, já tinha havido um primeiro confinamento (2020), os pais também estavam mais familiarizados com este novo ensino online e até os próprios professores já conheciam melhor as aplicações, tendo sido alguns deles os próprios a irem tirar pequenas formações, como refere uma das professoras do 4.ºano da escola pública. Especialmente para os alunos e professores do público também já foi melhor, pois o Estado tinha entregue computadores a alguns dos alunos com necessidades. Desta forma, esses não foram tão prejudicados como no primeiro confinamento que não tinham meios, não tinham computador, não tinham internet, etc.

No ensino privado os alunos não foram tão prejudicados pois todos eles tinham mais tecnológicos, aplicações e conhecimentos mínimos informáticos para conseguirem ter aulas de uma melhor forma. Acaba sempre por afetar porque a distração em casa também é maior, as professoras não se encontram lá, etc, mas de qualquer forma tudo o que eles faziam na escola faziam a dobrar em casa. As professoras do privado conheceram um vasto mundo de páginas online que tencionam utilizar nas aulas presenciais, tais como o Quiz e o aplicativo e Math Fight. Outra aplicação também introduzida apenas no confinamento, mas que foi bastante produtiva foi o Google Forms em que eles respondiam a algumas questões das fichas e tinham logo um feedback. Assim como afirma uma das professoras entrevistadas:

A nível de aplicativos foram apenas dois: o Zoom e a Classroom, mas confesso que descobri um mundo de sites com jogos pedagógicos (que incluem os conteúdos escolares) que desconhecia. (Prof. B do 4.º ano do ensino privado, junho de 2021)

Passando à sétima questão estão colocadas duas questões numa só, mas por questão de organização na análise às entrevistas dividi em duas. A primeira referia-se aos recursos utilizados pelas professoras para este ensino remoto emergencial e se havia algum que tencionassem a utilizar. A outra questão é qual a opinião em relação aos alunos, se sentem que conseguem chegar a todos.

Segundo as professoras do ensino público, por falta de meios por parte de alguns alunos, não se justifica continuar a usar o computador para trabalhar com os alunos.

Não. Não faz sentido. Os miúdos não têm computador e estamos com eles. Além disso no primeiro ciclo não faz sentido, se calhar nos outros ciclos fará sentido, aqui não. Além disso eles estão no 1.ºano nem sabem escrever no Word. (Prof. A do 1.ºano do ensino público, junho de 2021)

Em tempo de confinamento já foi muito complicado devido à internet que caia constantemente, depois também havia alunos que não tinham os meios necessários,

outros tinham de vez em quando pois tinham de partilhar o computador com outros irmãos também em ensino online, etc. Assim sendo, optam apenas pelo ensino normal, manuais, fichas, caderno do aluno e atividades em sala de aula.

As professoras do público nas respostas à entrevista afirmaram que inicialmente utilizaram o Zoom, mais tarde o Teams e agora continuam com esses meios apenas para reuniões de pais, contudo devem abrir exceções presenciais para atender pais que não tenham computador e precisam que seja presencial, ainda assim essas reuniões devem ser feitas individualmente.

Mais uma vez as professoras do ensino público afirmaram que não têm um projetor que possam utilizar para passar as suas aulas e os alunos não têm como ter acesso ao computador na escola. Muitos deles não sabem utilizar sozinhos e alguns nem mesmo podem contar com a ajuda dos pais, isto porque existem pais que não sabem ler, outros de são das Filipinas, Nepal, Inglaterra, etc e não sabem falar português.

Em contrapartida, as professoras do ensino privado continuam a utilizar os mesmos recursos pois os alunos têm todos equipamentos tecnológicos na escola. Além disso as professoras conseguem utilizar quadro interativo para os ajudar mesmo a utilizar os próprios equipamentos.

Para além de se lecionar os conteúdos programáticos, todas as semanas as professoras lançavam desafios (matemáticos, atividades experimentais, quebra-cabeças), o que possibilitava os alunos de explorar e aprender. Depois só tinham de fazer vídeos ou mostrar à turma o que tinham aprendido, contribuindo para o interesse escolar. Correu tão bem no ensino online que irá continuar a ser feito no ensino presencial. Mais que aprender conta ainda com a ajuda do trabalho em família. Em relação à segunda parte da questão, se é possível chegar a todos os alunos essa foi uma resposta unanime por parte de todas as professoras. É impossível chegar a todos os alunos, já é impossível nas aulas presenciais quanto mais nas aulas online que eles não estão perto, os professores não conseguem perceber o motivo da distração, não conseguem tirar a dúvida de forma individual no momento da mesma, etc, nem sempre conseguem passar trabalho diferenciado, etc. “Difícilmente conseguimos chegamos a todos os alunos. O trabalho individual da escrita, da leitura e assim perde-se, não conseguimos estar com eles pessoalmente o que é complicado.” (Prof. B 1.º ano do ensino público, junho de 2021)

As professoras do 1.ºano da escola privada referem mesmo, “Quanto mais pequenos, menor é o seu nível de concentração e interesse. Daí a importância de aulas mais interativas e divertidas.” (Prof. A do 1.ºano do ensino privado, junho de 2021)

Em relação à questão 8, queria saber qual a opinião delas em relação às aulas passadas inicialmente na televisão. As respostas foram unânimes em ambas as escolas, pois todas as professoras concordam que foi sem dúvida uma boa iniciativa, principalmente para os alunos das escolas públicas que não têm acesso aos meios tecnológicos. “Na minha opinião foi uma boa iniciativa. Tendo em conta que muitos alunos não conseguiriam ter acesso aos conteúdos através das aulas on-line, era urgente encontrar uma alternativa...” (Prof. B 1ºano do ensino privado, junho de 2021)

No segundo confinamento já todos estávamos mais preparados para voltar a casa, o próprio Estado estava mais preparado, daí ter também dado apoio às crianças que realmente precisavam de computadores para ter acesso às aulas online.

Assim, apesar de considerarem uma boa iniciativa, no segundo confinamento os alunos já não lhes foi pedido que vissem, pois, as aulas decorriam no mesmo horário que as da televisão e não havia necessidade uma vez que já tinham acesso aos meios tecnológicos, os que não tinham o acesso faziam um vídeo chamada através do telemóvel. Ainda assim quem quisesse ver as professoras não colocaram qualquer problema.

Este ano não porque estávamos das 9h ao 12h30 não foi possível. Além disso nem sempre o estudo em casa batia certo com o que estávamos a dar. Aconselhava a ver aqueles que tinham hipóteses e depois podiam contar. Contudo acho interessante eles passarem aquilo na televisão e até tem recursos giros. (Prof. B 1.ºano do ensino público, junho de 2021)

Em relação às professoras do privado, são da mesma opinião, foi sem dúvida uma boa opção e referem exatamente o mesmo que para todos alunos do país que não tinham acesso às tecnologias, foi uma boa aposta. Contudo não aconselhavam os seus alunos a ver, pois as aulas que eles estavam a ter não correspondiam aos conteúdos que estavam a ser abordados em aula. O grau de exigência que há dentro do colégio, os alunos estavam mais avançados na matéria do que aquela que estava a ser transmitida e muitas vezes também era dada de forma diferente o que podia confundir os alunos. “Não assistiram porque estavam comigo. Contudo foi uma boa iniciativa para aqueles que não tinham meios” (Prof. D 4.ºano do ensino privado, junho de 2021)

Na questão 9 tentei ir mais a fundo deste ensino remoto emergencial, querendo saber se nas salas havia alunos de Necessidades de Saúde Especiais (NSE) e como as professoras tinham feito para trabalhar com essas crianças. Se sobretudo sentiram que tinham sido prejudicadas em relação aos colegas.

As quatro professoras da escola pública, tiveram maneiras diferentes de trabalhar. As duas professoras do 1.ºano trabalharam com toda a turma no mesmo horário. No

final das aulas por vezes reuniam com diferentes alunos para dar um reforço extra. Em ambas as turmas do 1.º ano da escola pública existam mais cinco crianças com NSE e todas elas foram acompanhadas pelos professores com os quais costumam ter os diferentes apoios, tais como a psicóloga, terapeuta da fala, etc.

Tenho três crianças com NSE. Uma das meninas tinha apoio das irmãs mais velhas, daí não ter trabalhado com ela individualmente e a B vinha cá à escola presencial. Estava mesmo com a professora dela do ensino especial, daí também não ter feito um outro reforço. Logo na segunda-feira publicava no teams a planificação semanal. Depois trabalhei com a turma toda junta e partilhava o ecrã para ir escrevendo as respostas. Os que já conseguiam fazer sozinhos, iam fazendo, os outros esperavam a minha resposta para copiarem. Além disso, tinham meninos sozinhos por isso facilitava muito mais a partilha de página do manual, porque às vezes dizer apenas a página não era suficiente, porque só trabalhámos até ao número 60... (Prof. B 1.º ano do ensino público, junho de 2021)

Havia duas alunas de uma das turmas de 1.º ano que a professora não trabalhou com elas por estas não terem possibilidade de ficar em casa, pois estas duas crianças ficaram numa escola (daquelas que estavam abertas para pais que estavam a trabalhar) na Mala, em Lisboa, e foram lá que foram seguidas e guiadas no sentido de conteúdos e trabalhos de casa.

Respetivamente às professoras do 4.º ano optaram por dividir a turma. Uma das professoras dividiu o grupo entre os mais fracos às disciplinas e os bons alunos (o grupo dos mais fracos era maior devido aos meninos com NSE), a outra professora dividiu a turma de forma aleatória, sentindo também a necessidade de por vezes reunir com alguns alunos também depois do horário das aulas. Estas professoras apesar de terem dividido de forma diferente a turma, trabalharam de forma igual, estavam com um grupo em determinado horário depois davam-lhes trabalho e reuniam com o outro grupo.

Em relação à questão se os alunos foram prejudicados, uma das professoras do 1.º ano refere que sim, apenas por falta de meios económicos e não conseguir ter sempre o acesso ao computador.

Outra, do 4º ano aborda questões de disciplina e falta de autonomia dos alunos em gerir seus estudos sozinhos:

...Os alunos não foram prejudicados, eles é que se prejudicam a eles próprios, porque tu tentas ajudar de várias maneiras, mas o problema deles é o comportamento. Os bons alunos sabem estar e ouvem para aprender, estes alunos não têm capacidade para estar sossegados e aprender. Estão preocupados com tudo, menos com o ensino. Têm tantas ajudas que às vezes estão à espera que lhes deem a resposta. Eu faço testes diferentes para eles,

mas exijo que eles o façam comigo para não terem as respostas de mão beijada. (Prof. D do 4.º ano do ensino público, junho de 2021)

Em relação à escola privada não tenho informação sobre a forma como se trabalhou com NSE, pois nenhuma das quatro professoras tinha crianças NSE. Contudo houve uma professora que referiu ter um menino com algumas dificuldades e optou por lhe dar um apoio individual, o que deu resultados. Todas as professoras trabalharam com o grupo todo no mesmo horário.

Não tenho alunos com NEE. Trabalhava com a turma toda. Planeávamos as tarefas em grupo, como já disse. Preparava a aula em Powerpoint, projetava para eles, partilhava fichas para fazermos em conjunto, cada um no seu caderno. Também fizeram fichas no Google Forms onde tinham logo a resposta. Utilizámos muito questionários da escola virtual e tinham logo feedback, como se fosse uma ficha de autoconhecimento... (Prof. D 4.º ano do ensino privado, junho de 2021)

Eles não estavam sempre com a professora titular, pois iam rodando as atividades do plano, como a Música, o Inglês, o Teatro, a Educação Física, etc. Em relação à se os alunos foram ou não prejudicados, todas as professoras do ensino privado acreditam que não. Isto porque não houve grandes dificuldades pois todos os alunos já conheciam os meios com os quais estavam a trabalhar e também tinham sempre apoios em casa que os pudessem ajudar.

Na pergunta 10, questionei, enquanto professoras onde sentiram maiores dificuldades durante este ensino remoto emergencial, e se achavam que tinha havido mais vantagens do que desvantagens. As professoras do público referem diferentes aspetos.

As principais dificuldades que as professoras sentiram é que o ensino online, não é eficaz para muitos alunos, distraem-se facilmente, nem sempre têm vontade de estar presentes em frente a uma câmara, nem sempre estavam com alguém que o pudessem ajudar nas tarefas pedidas, entre outros aspetos.

Os meios tecnológicos também foram uma grande dificuldade, pois a maior parte dos alunos não tinham, outros tinham, mas precisam de partilhar com os irmãos, por vezes também não sabiam mexer para conseguir enviar os trabalhos, etc. A professora B do 1.º ano do ensino público refere “Cheguei mesmo a fazer uma vídeo chamada do meu telemóvel com uma mãe que só fala inglês, a explicar como utilizava o computador.”

Além disso, a internet também foi um problema. Havia muitos alunos em aulas online e muitas pessoas em teletrabalho o que dava origem à internet mais lenta e onde por vezes ia abaixo.

Para as professoras do ensino público, ocorreram mais desvantagens (falta de conhecimentos no meio tecnológico, o excesso de trabalho em relação às aulas presenciais, a falta de recursos por parte dos alunos, a falta de conhecimento de alguns pais, etc.) do que vantagens. Apenas uma das professoras do 1.º ano refere que a única vantagem que trouxe o ensino online foi que as crianças terem mais tempo com os seus pais.

As professoras do ensino privado referem também algumas desvantagens deste ensino remoto, tais como a desmotivação de algumas crianças. Contudo trouxe também algumas vantagens, maiores conhecimentos informáticos, conhecimentos de novas aplicações úteis para as aulas presenciais, atividades diferentes para eles adquirirem conhecimentos, atividades que proporcionaram diversão às crianças no ensino online e que vão continuar a ser usadas porque elas gostaram, etc.

Para as professoras do privado e para os seus alunos, como já conheciam recursos digitais de ensino-aprendizagem, não foi um problema, assim como o acesso à tecnologia solicitada e acompanhamento em casa não foram um problema. Além disso tiraram proveito de tudo o que conheceram e aprenderam para colocar em prática no ensino presencial, uma vez que têm acesso a todos os recursos que tinham em casa. O mesmo não aconteceu na escola pública.

Na questão 11 queria saber se as professoras se tinham sentido apoiadas pelos pais para a realização das atividades individuais. Ao avaliar as respostas dadas pelas professoras do ensino público e do ensino privado a esta questão, percebi que até numa simples questão existem discrepâncias.

As quatro professoras do público, afirmam que alguns pais, mostraram interesse e estiveram sempre prontos a ajudar, enquanto que houve outros que enviam as tarefas pedidas já fora do tempo, outros nem sequer enviam, outros tinham de esperar os pais chegarem a casa para enviar os trabalhos, outros estavam sozinhos com avós e não conseguiam realizar.

Alguns. Foi horrível. Nunca mais vou dar o meu contacto a ninguém. Tinha os pais fora das horas de aula a enviarem-me mensagens e a chatearem-me com perguntas que não sabiam fazer as coisas. Estou só mesmo à espera de acabar o ano para trocar o contacto, foi mesmo o pior ano, nunca mais, foi o pior erro. Se os pais querem falar connosco ligam para a escola.” (Prof. D 4.º ano do ensino público, junho de 2021)

As professoras do privado, afirmam que sem dúvida tiveram sempre a ajuda dos pais e que sem eles nada do que fizeram seria possível. “Sim, sem dúvida. Se antes já utilizávamos, agora ainda mais. Isto porque descobri um mundo de aplicações muito interessantes e úteis para podermos utilizar diariamente com as crianças.” (Prof.

D. 4.ºano do ensino privado, junho de 2021)

Em relação à questão se preferiam aulas online ou presenciais, aqui obtive respostas iguais tanto para o ensino público como no ensino privado, sem dúvida que o ensino online está fora de questão e preferem o presencial, porque os professores consideram que alguns dos alunos foram prejudicados, outros falam do contacto visual e da sua importância.

Presenciais. Houve alguns alunos prejudicados porque não tinham computadores, outros os telemóveis não tinham espaço para as aplicações, etc. Outros só conseguiram assistir porque receberam os computadores da escola a tempo. Tinha de enviar as fotografias dos trabalhos por WhatsApp para os alunos conseguirem fazer. (Prof. B 1.ºano do ensino público, junho de 2021)

Na última questão quis confirmar se sentiram o período online como mais exigente; se esta exigência a existir só tinha sido sentida no ensino público ou se também era visível no ensino privado e veio a confirmar-se que sim.

Questionei se enquanto professores sentiam que tinham tido mais trabalho ou se achavam que este ensino remoto era mais exigente que o ensino presencial. “A pandemia acelerou as competências tecnológicas, facilitou o ensino à distância, mas, na prática, não vai mudar tão profundamente o modelo de educação, que ao fim de 500 anos continua baseado num professor em frente a dezenas de alunos.” (Oliveira, 2020)

Em seguida também exige mais horas de trabalho por parte dos professores que por vezes depois das aulas ainda estavam reunidos com alunos ou a receber mensagens para ajudar em algumas tarefas. O facto de estarem sempre em casa chegavam a não conseguir separar a vida profissional da vida pessoal.

É muito mais exigente o ensino online. Para o ensino online precisamos de uma preparação diferente e temos ainda menos recursos do que no presencial. Estar a trabalhar presencial é mais gratificante e quando tiramos o curso nunca colocamos isso em questão, não existia. Foi algo de repente que nos tivemos de adaptar. Nós chamamos ensino online, mas eu não sei se é bem um ensino. Uns tinham de imprimir para trabalhar, outros não tinham impressora, outros faziam no livro, e outros se não estiverem em cima nem fazer. Até na aula eu tenho de andar a ver, porque o foco deles é muito limitado. (Prof. D 4.º ano do ensino público, junho de 2021)

Tudo isto levou mesmo à exaustão de alguns professores, muitos foram obrigados a afastarem-se da escola devido a depressões e a problemas de saúde.

Reis (2020) partilha da mesma opinião que as minhas professoras entrevistadas, “Os docentes estão à beira de um ataque de nervos e as baixas psicológicas e psiquiátricas não param de chegar.” (s.p.)

Capítulo VI- Conclusões

1. Conclusões finais

A PES foi fundamental para perceber a realidade do mundo da educação. Além disso, o facto de ter estagiado em educação Pré-Escolar e em 1.º ciclo consegui perceber que gosto muito mais de primeiro ciclo, e que no futuro irei dar preferência a um emprego como professora do 1.º ciclo do ensino básico.

Com a PES e a pandemia, tive a oportunidade de conhecer diferentes contextos, o das aulas presenciais antes da pandemia, as aulas remotas enquanto contexto de pandemia e as aulas presenciais após pandemia. Por ter percebido as dúvidas de tantos alunos durante este ensino, que não sabiam trabalhar com as tecnologias, é que enquanto professora vou querer utilizar as tecnologias digitais nas minhas aulas.

É importante termos consciência que cada vez mais as crianças têm acesso às tecnologias, e que esse acesso acontece cada vez mais cedo. Logo, podemos tirar partido disso, pois com as tecnologias digitais é possível trabalhar e criar conteúdos ricos e divertidos para estimular a curiosidade e a aprendizagem das crianças em sala de aula.

Aprendi muito neste último estágio em primeiro ciclo, era uma turma grande com meninos com NSE e a professora chamou-me várias vezes para dar aula sem eu a ter preparado, o que me ajudou a improvisar, a sentir-me mais confortável e sobretudo a ter maior atenção aos conteúdos lecionados, uma vez que a qualquer momento podia ser chamada.

A falta de equipamentos tecnológicos e conhecimentos sobre as tecnologias digitais foram dois dos principais problemas impostos pela pandemia, sendo desta forma necessário colocar em prática a criatividade e utilizar diversas estratégias de modo a conseguir concretizar objetivos e terminar conteúdos.

Podemos concluir que não é viável manter o ensino remoto, nem para os alunos, nem para pais e professores, uma vez que foram muitos aqueles que se foram queixando ao longo do tempo em decorrência, especialmente, dos problemas de acesso ainda mal resolvidos em nosso país.

Podemos concluir ainda que existem diversas diferenças entre o ensino público e o ensino privado, já antes da pandemia. Tais como, o privado (uso diário das tecnologias; implementação da disciplina de TIC; turmas pequenas; exploração de diversos materiais manipuláveis, tecnológicos, etc; material informático já adquirido por alunos e professores), enquanto no público (turmas grandes; apenas o uso de livros e cadernos, falta de materiais diversos). Com a implementação do ERE, as diferenças foram ainda mais visíveis, tais como, no privado (mais recursos tecnológicos e manipuláveis; projeto das TIC; importância dos rankings, tecnologia em sala de aula, conhecem diversas aplicações; não houve alunos prejudicados por falta de meios tecnológicos, não houve necessidade de assistir às aulas na televisão; aulas mais dinâmicas), enquanto no público (não existe a disciplina de TIC; não utilizam as tecnologias; falta de conhecimento das aplicações; alunos prejudicados por falta de meios tecnológicos; necessidade de assistir às aulas na televisão; as crianças NSE continuam a ter os apoios online).

Foram estes também, os fatores que mais contribuíram para acirrar as diferenças entre as escolas públicas e as privadas durante a pandemia. Porém, apesar das diversas desvantagens referidas pelas professoras nas entrevistas, este ensino remoto emergencial foi a melhor opção no período em que se passou, pois sem ele teríamos ficado meses sem acesso à educação o que teria sido muito mais prejudicial para os alunos.

Ensino Privado (antes da pandemia)	Ensino Público (depois da pandemia)
- Uso diário das tecnologias	-Apenas uso de livros e cadernos
- Implementação da disciplina de TIC	- Falta de recursos materiais
-Exploração de diversos materiais manipuláveis tecnológias, etc.	
- Material informático já adquirido por alunos e professores	

Ensino privado (durante a pandemia)	Ensino público (durante a pandemia)
- Mais recursos tecnológicos e manipuláveis	- Menos recursos tecnológicos (mesmo antes da pandemia)
- Turmas pequenas	- Turmas com muitos alunos (mesmo com alunos NSE)

- Projeto em torno das tecnologias digitais (Programa I)	- Não existe disciplina de TIC
- Importância dos rackings	- Não utilizam as tecnologias
- Utilizam e já utilizavam antes da pandemia, tecnologia em sala	- Falta de conhecimento das aplicações e da tecnologia utilizada
- Já conheciam a maior parte das aplicações e ainda exploraram outras	- Alunos prejudicados pela falta de material
- Não houve alunos prejudicados pela falta de material	- Necessidade de assistir às aulas na TV e que muitas vezes não coincidiam com a matéria
- Não houve a necessidade de assistir às aulas na TV	- No ensino presencial a tecnologia irá ser utilizada apenas para reunião de pais
- Não há crianças com NSE	- As crianças com NSE continuaram a ter os apoios da escola
- No ensino presencial vão continuar a explorar as tecnologias	- Dificuldade em chegar a todos
- Importância de conseguir chegar a todos e a criação de aulas dinâmicas	- Algumas professoras tiveram a necessidade de dividir a turma
- Trabalharam com a turma toda junta	Houve muitas desvantagens, em que a principal foi a falta de recursos tecnológicos, que dificultaram o trabalho
- Houve grandes vantagens, tais como, novas formas interativas de transmitir conhecimento também em sala de aula	

Referências bibliográficas

Agrupamento de escolas Marquesa de Alorna (2020/2021). Projeto Educativo. Lisboa.

ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. (2003). Educação a distância em meio digital: novos espaços e outros tempos de aprender, ensinar e avaliar. Miami.

Belloni (2003). Conceito da educação à distância. Brasil.

[Conceitos de educação a distância - Democratização do acesso ao ensino superior: os cursos de g \(1library.org\)](#)

Coutinho, C.; Lisbôa, E. (2011). Sociedade da informação do conhecimento e da aprendizagem: Desafios para Educação no séc. XXI. Universidade do Minho.

Cury, C. R. J. (2020). Educação Escolar e Pandemia.

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749>

Dutra, R. (2020). TurtoMundi.

<https://tutormundi.com/blog/saude-mental-dos-professores-na-pandemia/?amp>

Ferreira, A. (2021). Ensino à distância “vão revirar-se os mesmos problemas e as mesmas frustrações”.

Gonçalves, E.; Oleinik, B. et. (2019). Um estudo com base em Inovações Tecnológicas: Uma análise de sua relevância nas empresas. Ponta Grossa, Brasil.

Grave, L.; Bastos, G.; Oliveira, I. Lideranças e inovações em Contextos Educativos. Universidade Aberta.

Henriques, R. H. (2020). Pandemia em economia aberta: o papel da tecnologia. Jornal Observador. Retirado de: <https://observador.pt/opiniao/pandemia-em-economiaaberta-o-papel-da-tecnologia/>

Idoeta, P. (2020) O impacto da COVID-19 no Ensino.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54380828>

Kenski, V. (2018). Redes, Comunidades e Educação. Brasil.

Lino, M. (2010). A hora da Geração Digital. Editora Helena Carone.

Machado, P. L. P. (2020). Educação em tempos de pandemia: o ensino através de tecnologias e Mídias digitais.

Mello, C.; Bleicher, S. & Schvelter, G. (2021) Fundamentos da EAD.

Ministério da Educação (2020/2021). Educação à distância.

- Miranda, M. G.; Narduchi, F.; Pereira, A. J. (2020). Biopolítica e Educação: Os impactos da pandemia do Covid-19 nas escolas públicas.
- Moore & Michael, G. (2013). Educação à distância: Sistemas de aprendizagem online.
- Morais, T. (2020). Artigo de opinião: Ensino online. Notícia do Jornal Canaln.tv. Retirado de: <https://www.canaln.tv/artigo-de-opiniao-ensino-online/>
- Nascimento, R. A. (2020). Educação à distância e reputação: desafios do Ensino Superior brasileiro. Universidade Católica Portuguesa.
- Oliveira, E. (2020). Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo. Jornal Noticias Globo. Retirado de: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>
- Prudência, P. (2021). A qualidade do Ensino público e o mundo digital. Jornal Público.
- Rabello, C. R. L. (2020). Competências digitais docentes e a formação de professores para a integração crítica das tecnologias digitais em educação. Cultura Digital, Educação e Inovação.
- Rabello, C. R. L. (2018). Mergulhando em água profundas: letramento digital e prática docente. Hipertextus Revista Digital.
- Reis, M. (2019). É melhor trabalhar no público ou no privado? Jornal de Lisboa. Retirado de: https://ionline.sapo.pt/artigo/647483/-e-melhor-trabalhar-no-p-blico-ou-noprivado-?seccao=Portugal_i
- Santos, B. S. (2020). A Cruel Pedagogia do Vírus. Edições Almedina.
- Santos, C. A. (2002) As políticas de formação de professores na modalidade à distância no Brasil-uma orientação mundializada. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.
- Santos, É. (2019). Pesquisa-Formação na Cibercultura. Editora Edufpi. www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro_PESQUISA-FORMAÇÃO_NA_CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf
- Santaella, L. (2004). O perfil cognitivo do leitor imersivo. Paulus Editora.
- Santaella, L.; André, C. (2020). Educação e tecnologias digitais. Brasil.
- Santos, J. & Zaboroshki, E. (2020). Ensino remoto e pandemia Covid-19: Desafios e oportunidades de alunos e professores. Interações.
- Sales, M. V. S. (2020). Tecnologias digitais, redes e educação. Salvador. Edufba.
- UNESCO. (2021)
[Educação: uma crise sem precedentes \(unesco.org\)](https://unesco.org)

APÊNDICES

Esta entrevista foi feita a 4 professoras de uma escola pública e a 4 professoras de uma escola privada. Sendo assim, duas professoras de 1.º ano e duas professoras de 4.º ano da escola pública e igualmente aplicada na escola privada.

(Apêndice nº1)

Objetivos (para cada objetivo deve colocar as questões correspondentes que permitem atingir o objetivo)	Questões	Guião (aqui deve colocar a ordem em que as questões serão colocadas ao entrevistado)
1. Caracterizar o entrevistado	De que turma é titular e escola (se é pública ou privada).	1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?
2. Conhecer o percurso do entrevistado na educação	Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação? Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?	2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças? 3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?
3. Identificar o nível e o tipo de utilização da tecnologia antes do ensino à distância	Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo? De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?	4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo? 5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?
4. Conhecer os recursos educativos aos quais se teve de adaptar com a pandemia	Que aplicativos ou novos aplicativos precisou de aprender para atuar no ensino remoto? Que recursos tem utilizado para promover o ensino/aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos? Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade	6. Que aplicativos ou novos aplicativos precisou de aprender para atuar no ensino remoto? 7. Que recursos tem utilizado para promover o ensino/aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos? 8. Inicialmente

	<p>de aprendizagem através do meio?</p>	<p>começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de</p>
<p>5. Reconhecer as maiores dificuldades com o ensino remoto</p>	<p>Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em</p>	
	<p>particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma? Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online? Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades? Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?</p>	<p>aprendizagem através do meio?</p> <p>9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?</p> <p>10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e</p>

<p>6. Reconhecer as principais diferenças do ensino remoto e presencial</p>	<p>Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar algum aplicativo online? Se sim, de que forma? Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?</p>	<p>desvantagens deste novo ensino online?</p> <p>11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?</p> <p>12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar algum aplicativo online? Se sim, de que forma?</p> <p>13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?</p> <p>14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?</p>
---	---	---

1. Entrevistas às professoras

(Apêndice nº2)

Entrevista

Olá! Esta entrevista está associada ao estudo que estou a desenvolver para o meu relatório final do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico e que tem como objetivo perceber a forma como o processo de ensino-aprendizagem se alterou com o ensino à distância, quer no ensino público quer privado. Irei garantir a confidencialidade e uso exclusivo dos dados para o presente estudo; bem como o anonimato.

Obrigada por ter aceite este convite.

(Professora A , 1.ºano privada)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Em 2009 ingressei no curso de Química Aplicada na FCT. Porém, e talvez pela ingenuidade da idade, não me contentei com a formação. Decidi, então, apostar na Licenciatura de Educação Básica da ESELX, uma vez que sempre senti que o ensino português oferecia pouca motivação às crianças dos dias de hoje.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Apenas lecionei no ensino privado. Dificilmente sou colocada em escolas públicas. Nos meus dois primeiros anos de ensino num colégio privado, verifiquei que, por vezes, as crianças e os pais são vistos como clientes do estabelecimento e que, por isso, nem sempre deixam os professores à vontade para exercer determinadas práticas. Porém, nos últimos anos tive o privilégio de trabalhar num colégio que valoriza bastante o papel do professor e que defende as suas práticas.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

Antes da pandemia os alunos eram mais autónomos, conseguiam gerir melhor as suas emoções e tinham uma boa relação entre eles. Neste momento, sinto as crianças pouco confiantes, mais imaturas e emocionalmente instáveis.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Sempre recorri ao uso das tecnologias nas minhas aulas. Considero que faz todo o sentido utilizarmos materiais que despertem o interesse dos alunos ou que façam parte do seu crescimento.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

Acho que o telemóvel apenas utilizo para comunicar com os pais ou para projetar imagens de uma forma mais prática e rápida. O Ipad e o computador são as minhas tecnologias de eleição por terem mais funcionalidades e por serem mais práticas para a participação da criança.

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

Essencialmente o Zoom. Mas aprendi também a utilizar websites/apps que permitissem a participação do aluno ou do grupo: <https://quizizz.com/> ou math fight (app).

7. Que recursos utilizou para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

Dificilmente conseguimos chegar a todos os alunos. Quanto mais pequenos, menor é o seu nível de concentração e interesse. Então, para além de lecionar os conteúdos programáticos, lançava todas as semanas desafios (matemáticos, atividades-experimentais, quebra-cabeças, ...). Desta

forma, possibilitava aos alunos fazerem vídeos ou trabalhos para mostrar no dia seguinte à turma. Era um motivo de orgulho para eles e, conseqüentemente, a motivação para a escola era trabalhada. Para além disso, fazíamos visitas de estudo virtuais! Felizmente, muitas plataformas ajudaram os professores ao possibilitarem as visitas virtuais.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

Considero que seja uma ótima opção viável para os alunos que não têm acesso a tecnologias.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Não tenho alunos com NEE na minha turma.

Contudo trabalhar de forma conjunta com toda a turma onde ia rodando com os professores das outras áreas.

10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

Talvez a maior dificuldade tenha sido motivar todos os alunos a ficarem atrás de um ecrã tantas horas. Vi alunos desesperados por não me ouvirem devido a problemas técnicos, crianças deitadas na secretária... Foram dias difíceis e muito desafiantes. Quando soubemos que íamos voltar para a escola, estas crianças fizeram uma festa! A escola é mais um programa curricular. É na escola que eles desenvolvem a parte social, emotiva, humana, ... E estas crianças, sem dúvida, precisam do contacto do humano, precisam de um espaço onde alguém esteja lá para eles.

11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Os pais foram fantásticos. Muitos deles estavam em teletrabalho, mas mostraram-se sempre disponíveis para me ajudar! Acho que até começaram a dar mais valor ao meu papel enquanto professora (risos).

12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar algum aplicativo online? Se sim, de que forma?

A escola virtual é um ótimo recurso para professores e alunos. Continuo a utilizar o Quizizz nas aulas de matemática. O Youtube é também um excelente para vídeos educativos. Utilizo o Zoom para reuniões com os pais.

13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Presenciais, sem dúvida! Consigo ouvir todos, sinto-me mais à vontade para exercer as minhas práticas (não tenho os pais como público) e consigo compreender de forma mais rápida as necessidades dos meus alunos.

14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

Acho que são tipos de trabalho diferentes e torna-se difícil quantificar o trabalho do ensino presencial e do ensino online.

(Apêndice nº3)

Entrevista

(Professora B, 1.ºano privada)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Tenho 30 anos e leciono há 4 anos sempre com turmas de 3.º e 4.º anos do primeiro ciclo. Percebi cedo eu queria trabalhar com crianças. Venho de uma família com muitos primos e sempre fui a que tomava conta de todos (mesmo não sendo a mais velha). Eu é que decidia as brincadeiras e adorava fazer comboios para ir de uma divisão da casa para outra. Assim, quando cheguei ao nono ano procurei um curso profissional na área e fui tirar o Curso Técnico de Auxiliar de Infância (tinha a duração de três anos e dava equivalência ao 12.º ano). Assim que terminei o curso ingressei no ensino superior onde tirei a licenciatura em Ensino Básico e depois o Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Dei aulas nos dois, porém no público apenas em contexto de estágio (dois anos). De resto, apenas lecionei em colégios privados.

As principais diferenças que vejo são, essencialmente, nas condições de trabalho. As escolas publicas ainda não conseguem ter recursos comparáveis às escolas privadas. De qualquer das formas mantenho a ideia de que os recursos principais são os recursos humanos, e penso que a maioria dos professores são bastante competentes e aí é que reside boa parte do “segredo” para se obter um bom processo de “ensino-aprendizagem”.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

Antes da pandemia as aulas eram mais próximas fisicamente, podia sentar-me perto dos alunos e resolver as tarefas de forma mais individualizada. Para além disso a disposição da sala podia

ser mais adequada às tarefas (como por exemplo colocar a sala em U para debates) e ainda promover trabalhos de grupo onde os alunos não estão distanciados.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Sim, no local onde trabalho existe o “Programa i”, que consiste na realização de tarefas recorrendo a iPads. Para além disso os alunos das turmas com quem trabalho estão inscritos na Escola Virtual que é usada tanto em aulas como em trabalhos de casa. Ainda assim, é de referir que, com a pandemia, o recurso às tecnologias aumentou significativamente.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

Refletindo bem sobre esta pergunta, apercebo-me que devo usar o telemóvel mais para trabalhar do que para uso pessoal. No local onde trabalho estou inserida num grupo de 4 professoras que lecionam o mesmo ano que eu e existe uma grande partilha não só de recursos como de informação e esta é feita através da aplicação WhatsApp, (rápida e fácil de utilizar).

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

A nível de aplicativos foram apenas dois: o Zoom e a Classroom, mas confesso que descobri um mundo de sites com jogos pedagógicos (que incluem os conteúdos escolares) que desconhecia.

7. Que recursos utilizou para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

Os recursos são as aplicações anteriormente referidas.

Não, em situação de ensino à distância não é possível chegar a todos os alunos. Com alunos com idades inferiores a 10 anos (que é a realidade que conheço) não é possível estimular, acompanhar e verificar com veracidade o processo de aprendizagem.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

Na minha opinião foi uma boa iniciativa. Tendo em conta que muitos alunos não conseguiriam ter acesso aos conteúdos através das aulas on-line, era urgente encontrar uma alternativa. É do conhecimento de todos que a maior parte do tempo que as crianças passam em casa é ocupado com a televisão. Logo, vejo a “telescola” como uma boa opção que alia os conteúdos escolares à televisão.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Não tenho alunos com NEE.

Mas ali trabalhamos em conjunto com outros professores, por isso trabalhei em conjunto com a turma toda e ia adaptando as aulas.

10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

Com alunos sem NEE, a maior dificuldade é conseguir monitorizar o trabalho dos alunos com rigor de modo a poder detetar dificuldades em tempo útil.

Vantagem: aumento da destreza na utilização do computador e todo o software a ele inerente.

Desvantagem: os alunos ficam em autogestão, as dificuldades não são detetadas em tempo útil, as relações sociais/afetivas ficam prejudicadas.

11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Sei de casos em que isto não aconteceu. Porém, no meu caso, tive sempre apoio dos Encarregados de Educação.

12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar algum aplicativo online? Se sim, de que forma?

Após o regresso ao ensino presencial continuei a usar a Classroom. Esta aplicação já é dominada pelos alunos e é uma forma prática para partilhar informação e materiais adicionais.

13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Prefiro, sem sombra de dúvida, o ensino presencial. Em alunos com idades inferiores a 10 anos a apropriação dos conteúdos dificilmente acontece com sucesso à distância.

14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

O ensino online requer muito mais trabalho, pois é “um caminho desconhecido” (onde o número de horas de trabalho chega a triplicar). Aliado a isto é um processo que não dá muitos frutos, tornando-se assim mais trabalhoso e menos eficaz. Logo, mais frustrante.

(Apêndice nº4)

Entrevista

(Professora C , 4.ºano privada)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Desde cedo que senti esta vontade e até “missão” de fazer qualquer coisa que, de uma ou outra forma, pudesse ter impacto na sociedade. Depois enquanto adolescente tive algumas

experiências de monitora de colónias, apoio a crianças com deficiência, explicações... e assim, depois de passar por uma experiência de auxiliar de ação educativa, num ano em que fiquei a estudar para o exame de matemática, decidi concorrer para o curso de professores.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Sim já trabalhei em ambos os lados. Nesta altura não vejo muitas diferenças...Trabalhamos muito em ambos os casos. No particular parece que a imagem e o nosso trabalho é mais observado e avaliado, temos de prestar “contas” de uma forma mais exigente e minuciosa. Por vezes temos de fazer projetos e seguir determinadas diretrizes, com as quais não concordamos na totalidade. Mas o nome da instituição está em primeiro lugar.

Depois vemos também em termos de recursos materiais.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

A grande diferença é sem dúvida a partilha, antes da pandemia, os grupos de alunos dos diversos anos partilhavam experiências e aprendizagens. Defendia muito a partilha e o enriquecimento das aprendizagens em trabalhos de grupo, nas aprendizagens livres e fora da sala de aula.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Sim, as tecnologias acompanham-me desde sempre. Na passagem de filmes, na resolução de exercícios, desafios, jogos através de i-pads e computadores, que todos os alunos têm acesso em sala de aula e mesmo em casa.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

Hoje em dia é mais um recurso em sala de aula.

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

As nossas aulas em casa funcionaram através do Zoom, mas os nossos alunos e entre nós professores utilizamos a classroom, o quizz, programas de vídeo, escola virtual...

7. Que recursos utilizou para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

Sim, fizemos e fazemos um esforço muito grande, mas claramente não conseguimos chegar a todos.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

Sinceramente não tenho opinião formada sobre o ensino através da televisão, os meus alunos tiveram sempre o meu apoio. O nosso horário era muito preenchido, tenho ideia que alguns passavam os olhos pelo canal e que aprenderam algumas coisas.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Todas as crianças foram prejudicadas e as crianças com NEE ainda mais. Começando pela relação, partilha e cooperação, passando pela referência que os pares e os adultos têm para estas crianças e terminando no apoio físico/contacto individual. Tive no primeiro confinamento um caso “especialíssimo” que consegui manter e evoluir através de sessões diárias individuais de 1h intensiva, que ainda hoje me surpreende o bem que correu e resultou. Exigi da minha parte uma diversidade muito grande de tarefas e uma constante estimulação através do reforço positivo. Só assim consegui ter o aluno comigo, focado e a trabalhar. De resto trabalhei com a turma toda em conjunto.

10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

A grande dificuldade centrou-se na gestão familiar, pois tinha em casa, comigo, sozinha, três filhos (2 anos, 6 anos e 19 anos), com aulas online, menos o mais novo. Claro que ter 24 crianças online também não é nada fácil, mas sinto que com as “baterias” carregadas e, a fazermos o “pino” em algumas situações tudo é possível.

11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Os pais foram o nosso grande suporte, sem o apoio, compreensão e ajuda dos familiares seria tudo muito mais difícil, em alguns casos, mesmo impossível.

12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar algum aplicativo online? Se sim, de que forma?

Claro que sim, até porque agora os alunos estão ainda mais despertados e, por vezes são eles a sugerir.

13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Presencial, claramente. No primeiro ciclo a imagem e contacto com o professor é essencial. Não dá para comparar uma coisa com a outra. Nós fazemos e adaptamo-nos ao que tem de ser, mas somos muito físicos e afetivos.

14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

É um trabalho diferente, como já referi, para quem tem família e crianças em idade escolar é muito complicado. Não é uma questão de trabalho... é mesmo a quantidade de “papéis” que temos de “vestir” de um minuto para o outro... e as interrupções que surgem, completamente fora de tudo o que possamos, alguma vez sequer, imaginar que fossem acontecer. Tivemos de ter uma capacidade muito grande de improviso, resolução de problemas, calma, agilidade e perspicácia.

(Apêndice nº5)

Entrevista

(Professora D, 4.ºano privada)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Quando terminei o 12.ºano eu sabia que queria seguir o ramo da educação e queria ser professora de qualquer coisa. Não sabia se era de 1.ºciclo ou se era de português e alemão. Só que na altura a média era mais alta do que aquilo que eu tinha e como terminei a faculdade nova, para aí com uns 17 anos. O meu pai disse para não ficar à espera para entrar numa escola com o que tu gostas, tens de pensar numa faculdade que gostes desse curso, depois se quiseres depois tiras outro. Assim ingressei na segunda chamada, no Piaget, para o primeiro ciclo.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Já dei aulas em ambos os locais. São completamente distintos, eu nunca tinha trabalhado no privado, vim para aqui por convite, sempre estive na escola pública. Gostava de lá estar, estive em escolas problemáticas, era contratada de um lado para o outro. Vivo na Moita e ficava sempre colocada em Lisboa ou Sinta, Odivelas, etc. Durante 10 anos andei assim oque para mim era muito desgastante. Entretanto, pela primeira vez fiquei colocada aqui perto do Garcia da Orta, numa escola TEIP, e por lá fiquei durante 3 anos. Aí conheci uma professora de NEE que tinha conhecimentos neste colégio e foi assim que aqui consegui entrar, entrei na equipa dela. As condições que me ofereceram eram excelentes, relativamente às que estava a ter aqui no publico, a nível de salário e trabalho. Na escola pública o que queremos fazer com os meninos temos de levar, até papel higiénico eu levava. Na pública tinha colegas agredidos pelos encarregados de educação, além disso nesse ano tinham congelado as nossas carreiras, ou seja, não tinha nada a perder. No privado ganho mais e cresci a nível pessoal, ganhando uma grande bagagem. Aqui, trabalhamos em equipa, no público é cada um por si, muito individualismo. Os encarregados de educação no privado são mais exigentes e o grau de escolaridade também é maior. Aqui também tenho de ser mais exigente com as crianças, tenho de exigir mais e puxar mais por eles e no publico já não conseguia reduzir este ritmo e sei que muitos não iam conseguir acompanhar.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

Iguais, a nossa metodologia é planificar em grupo. Planificamos todos os juntos, por ano, e cada professor é responsável por uma disciplina, prepara as atividades e depois em reunião decidimos o que vamos trabalhar. As nossas aulas são todas planeadas com uma semana de antecedência. Depois cada professora adapta mais ou menos ao ponto em que a turma se encontra.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Sim, sim. O nosso colégio é muito inovador nisso. Temos mesmo um projeto em que todos os alunos têm um ipad, o professor tem um ipad, nós temos as ferramentas todas de tecnologia aqui na sala, inclusive um projetor. A partir do 7.ºano, para teres uma noção, os alunos não têm

manuais escolares é tudo com iPad. Por isso é que é um requisito obrigatório os pais comprarem a senha de acesso online e um iPad.

Temos mesmo um projeto digital em conjunto com a Porto Editora. Por isso nós a nível digital não tivemos problemas com o ensino à distância porque já estávamos preparados. As crianças já usavam os iPads dentro da sala de aula, além disso, uma vez por semana, desde os 5 anos têm aulas de informática.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

O telemóvel utilizo a nível pessoal e para contactar com os pais.

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

Não trabalhávamos com as aplicações, mas por exemplo o Teams, mas já conhecíamos. Contudo a professora de informática explora todas essas ferramentas. Contudo durante o confinamento trabalhamos com o Zoom, pois achamos que era mais simples e descomplicado.

O único que eu ainda não conhecia muito bem era o Google Form, mas pedi ajuda às minhas colegas do grupo, uma vez que é assim que trabalhamos.

7. Que recursos utilizou para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

Difícilmente conseguimos chegar a todos os alunos. Mas no primeiro confinamento estava com eles em aulas normais, fazíamos fichas e trabalhamos. Assim que terminávamos, às vezes ainda tinham trabalhos, principalmente às quartas-feiras, aí tinha alguns pais a enviar-me mails com questões e eu respondia qualquer hora. Neste confinamento optamos por eles colocarem muita ou grande parte do material no Google Forms, assim não há a necessidade de descarregar nada fica logo visível e consigo logo dar um feedback.

Os trabalhos que enviava só o fazia no caso de achar pertinente, caso contrário preferia dar-lhes esse tempo livre. Por vezes o trabalho deles era mesmo para ser feito em computador de forma a trabalharmos muito o online e a tecnologia.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

Não assistiram, porque estavam comigo. Contudo foi uma boa iniciativa para aqueles que não tinham meios.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Não tenho alunos com NEE. Trabalhava com a turma toda. Planeávamos as tarefas em grupo, como já disse. Preparava a aula em Powerpoint, projetava para eles, partilhava fichas para fazermos em conjunto, cada um no seu caderno. Também fizeram fichas no Google Forms onde tinham logo a resposta. Utilizamos muito questionários da escola virtual e tinham logo um

feedback, como se fosse uma ficha de autoconhecimento. Outras que também são muito boas foram a Classroom e o calculo mental. Foram tudo ferramentas que fomos adquirindo e que mesmo nas aulas presenciais são fundamentais.

O período começou e nós iniciamos as aulas normalmente, mas online. São crianças que além de ipads todas têm computadores em casa que podem perfeitamente utilizar e todo o material importante disponível. Assim eles estavam comigo durante o dia e íamos intercalando com as outras disciplinas, o inglês, a música, a ginástica, etc.

10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

Em relação ao primeiro confinamento este trouxe mais vantagens, isto porque estávamos mais bem preparados. Contudo, chegamos a um ponto que já estávamos cansados, já sabíamos o que era. Enquanto que o primeiro era novidade, não tínhamos ainda bem a noção do que era. Além disso, as crianças também chegaram a um ponto que já estavam muito cansadas de estar sempre no computador. A nível de tecnologia e recursos eles tinham e estavam bastante familiarizados, mas depois já eram muitas horas, queriam muito o contacto físico. Até mesmo nós.

11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Sim a ajuda dos pais foi muito importante. Os pais qualquer duvida ou questão enviavam um email, eu tentei muito que isso fosse apenas em horário laboral, porque no primeiro confinamento respondia em qualquer horário e foi muito cansativo e complicado.

Os pais tiravam fotografia do que precisavam e enviavam para eu os conseguir, colocavam logo no Classroom.

12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar alguma aplicação online? Se sim, de que forma?

Sim, sem dúvida. Se antes já utilizávamos, agora ainda mais. Isto porque descobri um mundo de aplicações muito interessantes e uteis para podermos utilizar diariamente com as crianças.

13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Presenciais sem dúvida.

14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

Tivemos que nos adaptar. No primeiro confinamento tivemos muito mais trabalho, agora já conhecíamos.

(Apêndice nº6)

Entrevista

(Professora A, 1.ºano do público)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Tenho 46 anos. Tirei o curso com 24 anos e na altura quando fiz o 12.º ano deixei de estudar. Comecei a trabalhar e depois é que decidi tirar um curso. Fui-me informar dos cursos que havia na Guarda, na altura era onde eu morava, onde a minha primeira opção foi professora de primeiro ciclo. Não era um sonho de criança, mas gostava de estar com crianças.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Já dei aulas em ambos os locais. Ao nível dos programas é igual. O que muda é que quando estamos a trabalhar no privado estamos a trabalhar para uma empresa e temos um horário diferente, não somos só professoras, somos também ajudantes de refeitório, etc (depende dos colégios), porque também já tive num colégio maior em que era mesmo só professora e tinha um horário como no público, tendo ainda outras regalias. O salário também é diferente tal como as interrupções letivas.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

Antes e depois da pandemia não mudou muito. Durante a pandemia tivemos de nos adaptar ao ensino à distância através dos meios digitais.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Não. Não havia essa necessidade. Era tudo presencial, tanto as aulas como o contacto com os pais.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

O telemóvel utilizo para fazer uma pesquisa rápida ou comunicar com os pais.

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

Não conhecia as aplicações. Durante a pandemia do ano passado (o primeiro confinamento) aprendi a usar o zoom e foi essa que continuei a utilizar. Entretanto tivemos de começar a usar o Teams que essa já aprendi este ano (segundo confinamento). Contudo desta vez as aulas foram mais rentáveis, funcionando das 9h ao 12h30, como se tivéssemos no presencial.

7. Que recursos utilizou para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

Difícilmente conseguimos chegamos a todos os alunos. Enviava a planificação da semana para todos os pais e fichas para eles irem fazendo de forma a terem sempre um apoio para irem treinando.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

No primeiro confinamento utilizei como recurso. Eu via com eles e depois na parte online falávamos sobre o que tinha sido dado nas aulas da televisão. Fazia mesmo parte das aulas, da manhã viam o Estudo em Casa e depois à tarde trabalhávamos sobre elas e outras matérias. Este ano não demos importância nenhuma, porque eram de manhã e nós estávamos com eles de manhã. Além disso as aulas este ano na televisão estão juntas com o 2.º ano.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Não tenho alunos com NEE na minha turma.

Para trabalhar com o grupo tive de primeiro certificar-me que todos tinham computadores e meios para trabalhar. Alguns não tinham, a escola teve de facultar. Além disso um dos alunos também não ia conseguir estar presente porque a mãe trabalhava e tinha de ir para uma ama, então fiz tudo por tudo para o miúdo entrar naquelas escolas de acompanhamento, na Mala. Lá tinha as aulas de forma diferente porque os alunos estavam em vários níveis, de manhã tinham as aulas com os conteúdos curriculares e à tarde tinham as atividades de lazer.

10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

Depende. Por exemplo eu o ano passado (primeiro confinamento) não estávamos tão preparados como agora, mas estava num 4.º ano, os alunos todos os dias enviam-me os trabalhos gravados e senti que eles até evoluíram a nível de informática. Já este ano, no primeiro ano, (segundo confinamento), foi rentável de outra maneira. Como era tudo online eu fazia os trabalhos com eles e tinha a assistência dos pais, pois eles são muito pequenos para conseguirem trabalhar de forma autónoma.

11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Sempre, a articulação com os encarregados de educação é muito importante. Além disso, é fundamental enviarmos um e-mail bem formal a explicar aos pais tudo como devem trabalhar e o que nós pretendemos. Essa comunicação é fundamental para colhermos os frutos. Eu, tanto o ano passado como este ano correu bem, porque foi tudo explicado aos pais, os pais que não sabiam trabalhar com as aplicações ou enviar documentos, eu expliquei individualmente. Correu melhor do que aquilo que eu podia pensar e até sinto que as crianças estão bem preparadas, alguns melhoraram a nível da caligrafia, da leitura. Dois ou três que não tinham acompanhamento regrediram um bocado.

12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar alguma aplicação online? Se sim, de que forma?

Não. Não faz sentido. Os miúdos não têm computador e estamos com eles. Além disso no primeiro ciclo não faz sentido, se calhar nos outros ciclos fará sentido, aqui não. Além disso eles estão no 1.ºano nem sabem escrever no word.

13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Presenciais pelo contacto humano. Contudo foi bom para aprenderem a mexer nas tecnologias, pois é uma ferramenta muito boa.

14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

É diferente. No primeiro confiantemente perdia muito tempo a preparar aulas, fichas e PowerPoint. Este ano a preparação foi diferente, havia um horário para enquadrar as disciplinas todas acompanharem a parte curricular.

Na parte autónoma não fui tão exigente, enviava a as fichas para eles fazerem, projetava o manual para eles e trabalhava com eles.

(Apêndice nº7)

Entrevista

(Professora B, 1.ºano do público)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Sou da variante de EVT, sempre gostei muito de fazer trabalhos manuais. Mas no mundo das ARTES é sempre muito complicado de ter um rendimento seguro. Assim optei por educação, para o 1.ºciclo e dificilmente irei mudar, gosto destas idades. Foi para fugir ao desemprego, mas neste momento sinto-me feliz.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Já trabalhei 7 anos no privado. Comecei no público, mas depois fiquei sem colocação e concorri ao privado. Tem as suas diferenças, tais como a comunidade educativa, mas nem sempre é mais fácil. Os encarregados de educação por exemplo são mais exigentes, tal como o horário no privado é muito mais exigente do que no público. Em termos de recursos também às vezes pode estar relacionado com o próprio colégio ou a própria escola.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

O meu método de trabalho não alterou muito. Aqui nesta escola, só na biblioteca é que temos quadro interativo. Assim todas as semanas vou com eles à biblioteca ver vídeos e histórias para fazer o reforço do português. Até utilizo muito o Zigzag, o RTP que também tem coisas muito giras.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Sim. Utilizava o computador da biblioteca, para fugir um pouco aos livros e cadernos, é fundamental. Mas é a única que utilizo até porque tenho alunos com muitas dificuldades em termos de recursos digitais.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

Utilizo para falar com os pais e para pesquisas rápidas.

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

Não conhecia as aplicações. Instalamos o Zoom, o Teams, etc. Foi uma grande aprendizagem para mim e para os pais. E houve muitas dificuldades para alguns pais, tenho aqui pais que nem sabem ler e para esse foi muito difícil. Depois também tenho aqui pais estrangeiros que não percebem tive de fazer vídeo chamada com eles para explicar. Mesmo online partilhava vídeos com eles, de forma a criar momentos mais dinâmicos, porque era muito tempo de aulas e principalmente de os manter com atenção. Online é muito complicado para o 1.º ano.

7. Que recursos tem utilizado para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

Difícilmente conseguimos chegamos a todos os alunos. O trabalho individual da escrita, da leitura e assim perde-se, não conseguimos estar com eles pessoalmente o que é complicado. Assim optei por fazer o mesmo que fazia no presencial passar alguns vídeos e histórias de forma a treinar mais o português.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

Este ano não, porque estávamos das 9h ao 12h30 não foi possível. Além disso nem sempre o estudo em casa batia certo com o que estávamos a dar. Aconselhava a ver, aqueles que tinham hipóteses e depois podiam contar.

Contudo acho interessante eles passarem aquilo na televisão e até tem recursos giros.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Tenho 3 crianças com NEE. Uma das meninas tinha o apoio das irmãs mais velha, daí não ter trabalhado com ela individualmente e a Beatriz vinha cá à escola presencial. Estava mesmo com a professora dela do ensino especial, daí também não ter feito um outro reforço. Logo na segunda-feira publicava no Teams a planificação semanal. Depois trabalhei com a turma toda

junta e partilhava o ecrã para ir escrevendo as respostas. Os que já conseguiam fazer sozinhos, iam fazendo, os outros esperavam a minha resposta para copiarem. Além disso, tinha meninos sozinhos por isso facilitava muito mais a partilha da página do manual, porque às vezes dizer apenas o número da página não era suficiente, porque só trabalhamos até ao número 60. Entretanto íamos fazendo até à hora do intervalo, aqueles que estavam com dúvidas ou mais atrapalhados ficavam ainda ali comigo, depois retomávamos e foi assim. Terminávamos sempre com uma dança, ou estudo do meio, ou assim, sempre uma atividade mais tranquila.

10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

A principal desvantagem, a meu ver, foi com o trabalho individual da escrita, da leitura e assim perde-se, não conseguimos estar com eles pessoalmente o que é complicado. É muito importante estar perto e em contacto com o aluno para fazer o reforço de matéria. Depois teve o lado positivo, em que os pais se aperceberam que os filhos tinham muitas dificuldades, principalmente na leitura. O que foi bom porque alguns desses pais como estiveram com os filhos em casa treinaram muito a leitura e esses alunos chegaram neste período bem melhor. Enquanto que houve outros que não quiseram ajudar, não conseguiram ajudar e os miúdos vieram bem pior do que aquilo que foram. Mas pronto, o contexto familiar é fundamental. Em todo o contexto educativo o meio familiar é importante, mas em contexto de pandemia que eles não estão com os professores ainda mais.

11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Sim, claro. Uns mais que outros, mas sim. Os meus alunos estavam sempre presentes, sempre e sem dúvida que sem os pais seria muito complicado porque são meninos do 1ºano.

12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar alguma aplicação online? Se sim, de que forma?

Continuarei a utilizar o WhatsApp, mas com os alunos não irei utilizar essas plataformas. Essas plataformas vou usar também com os pais para me reunir com os encarregados de educação. Não faz sentido usar com eles, precisam sempre dos pais para ler, claro que se tivéssemos TIC na escola era diferente, mas também não temos esses recursos, não temos nada. Ideias não me falta, falta-me é os recursos, porque existem muitas ferramentas online fantásticas e sou a favor de tudo isso, mas infelizmente não temos, é só papel e papel.

13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Presenciais. Houve alguns alunos prejudicados porque não tinham computadores, outros os telemóveis não tinham espaço para as aplicações, etc. Outros só conseguiram assistir porque receberam os computadores da escola a tempo. Tinha de enviar as fotografias dos trabalhos por WhatsApp para os alunos conseguirem fazer.

14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

É mais trabalhoso no sentido que é preciso organizar muito bem as aulas e principalmente o material.

(Apêndice nº8)

Entrevista

(Professora C, 4.ºano do público)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Venho de uma família de professores, e por isso desde que nasci que estou ligada à educação. Primeiro queria ir para artes, como não se deu essa oportunidade acabei por entrar no curso da ESSE de Setúbal para professores de 1.ºciclo, variante de EVT. Fui influenciada pela minha família.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Só dei aulas no publico, apesar de não ter sido sempre em Lisboa. Já trabalhei no Algarve, em Aveiro, Margem Sul e agora em Lisboa.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

Em termos práticos não há grandes diferenças, conto a participação em sala de aula, perguntaresposta, conteúdos dados no quadro, principalmente. Isto porque nesta escola não temos grande hipótese de projetar. Não temos grandes recursos a nível informático, porque gostava de passar mais filmes, Powerpoints, mas aqui não dá mesmo para fazer grandes coisas. Também costumava de trabalhar com a família e pedir que viessem cá à escola fazer atividades, mas agora isso também não é possível, por isso às vezes ainda mando trabalhos para casa.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Não. Utilizava e utilizo apenas para uma pesquisa rápida ou mostrar-lhes alguma coisa.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

O telemóvel utilizo para fazer uma pesquisa rápida ou comunicar com os pais.

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

Não conhecia as aplicações. Utilizei o zoom e o Teams, mais nenhuma. A única coisa que tinha mesmo era o WhatsApp para falar com os pais.

7. Que recursos utilizou para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

É difícil chegar a todos. Passava-lhes trabalho e eles tinham de me enviar até ao dia estipulado.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

Na primeira pandemia ainda serviram muito e eu utilizei bastante como recursos para a minha aula. Utilizei os recursos que eles deixavam na plataforma para trabalhar com eles. Neste segundo confinamento já não utilizamos.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Sim tenho 8 alunos. Estes alunos, um deles inicialmente não conseguiu estar presente porque não tinha computador. Os outros estavam comigo e às vezes estavam com os professores de ensino especial. Também cheguei a reunir com eles individualmente.

Trabalhei com a turma por grupos. Dividi-os aleatoriamente e trabalhavam em dois grupos.

Trabalhavam uns e depois iam fazer as atividades, enquanto eu estava com outros na aula. Não me parece que as crianças tenham sido prejudicadas.

Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

As maiores dificuldades foi a internet irregular, cada vez que ia abaixo eles distraiam-se muito.

10. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Muito, muito. Ajudaram-me muito e se não fossem eu também não conseguia. Aliás na primeira ida para casa foi a mãe de uma menina que me ajudou a perceber melhor e a mexer melhor nas aplicações, inclusive fizemos várias sessões online e individuais que me ajudaram bastante.

11. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar alguma aplicação online? Se sim, de que forma?

Sim, o Teams. Eles vão ter um trabalho de grupo e reúnem-se pelo computador. Inicialmente alguns não tinham computador, mas uma vez que agora têm todos, fornecidos pela escola, é para utilizar.

12. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Presenciais.

Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

Tive muito mais trabalho.

(Apêndice nº9)

Entrevista

(Professora D, 4.ºano do público)

1. Fale um pouco sobre si. Que caminhos a levaram à educação?

Estou na educação por acaso. Quando terminei o 12.ºano só concorri para faculdades de enfermagem, só que não entrei, tinha uma média de 14 e na altura pediam 17 valores. Entretanto disse ao meu pai que queria ir trabalhar, mas ele disse que não, que eu tinha de escolher qualquer coisa. Assim concorri novamente para as públicas, mas para o ramo da educação. Não me arrependo porque eu acho que realmente nasci para ser professora, foi um acaso muito bom na minha vida e nem me imagino a fazer mais nada.

2. Já deu aulas no público e no privado? Quais as principais diferenças?

Já dei aulas também no privado. Existem algumas diferenças do público para o privado, por exemplo, a meu ver os meninos do privado são mais protegidos. Contudo o horário no privado é mais extenso, o vencimento também não é o mesmo e éramos usadas para mais coisas sem ser professoras.

O privado tem muito mais recursos que no público, a postura dos alunos também é completamente diferente dos do público, assim como os próprios bens que eles têm.

3. Como eram as suas aulas antes da pandemia?

Antes da pandemia decorriam normalmente, tal como agora. A única diferença é que tivemos de acelerar um pouco o passo.

4. Antes da pandemia já usava as tecnologias? De que modo?

Não. Aliás aqui esta escola não tem recursos tecnológicos, ou por outro lado, tem, mas escassos. Eu já me informei com a diretora e a culpa também é da escola que não concorreu ao Plano Tecnológico, que é um recurso antigo, fornecido pela União Europeia em que a maior parte das escolas públicas foram equipadas com recursos tecnológicos. Aqui não temos nada disso, por isso teria sido bom terem aderido a esse projeto. Mesmo que às vezes eu queira projetar qualquer coisa tenho de ir à biblioteca e é sempre uma grande confusão.

5. De que forma utiliza o telemóvel? Utiliza apenas a nível pessoal ou também profissional?

O telemóvel não uso mesmo, nem para pesquisas rápidas. Faço mesmo questão de não usar e se precisar do som ligado explico porque tenho o som ligado. Mas isto também é mesmo de mim porque é muito difícil controlar os meninos de 2ºciclo com o telemóvel, assim eu dizia que quando eu tivesse o meu eles podiam ter o deles, e eles nunca me viram a usar. Mesmo assim agora tenho em cima da mesa, mas costumo de ter sempre na mala.

6. Que aplicações ou novas aplicações precisou de aprender para atuar no ensino remoto?

Já tinha ouvido falar em algumas aplicações. Contudo agora com a pandemia tivemos mesmo de aprender. Tive de andar a explorar porque tive muitas dificuldades, principalmente no Teams. Na minha opinião o zoom é mais fácil de usar, mas o Teams é mais organizado.

7. Que recursos utilizou para promover o ensino-aprendizagem de forma remota? Sente que consegue chegar a todos os alunos?

Nunca conseguimos chegar a todos os alunos. Partilhava com eles fichas e eles tinham de fazer de forma individual, depois apresentavam-me as respostas e eu corrigia com o grupo. Contudo foi muito difícil de trabalhar inicialmente porque alguns não tinham mesmo recursos trabalhavam através do telemóvel, só mais tarde quando a escola forneceu os computadores é que eles começaram a ter acesso.

8. Inicialmente começou a haver aulas para todos através da televisão. Qual a sua opinião de rentabilidade de aprendizagem através do meio?

No primeiro confinamento utilizei como recurso, porque nós só dávamos aulas ao final do dia. Durante o dia para estarem mais ocupados pedia para verem as aulas, achava muito interessantes e os materiais estavam muito bem conseguidos. Este ano, era impossível verem porque ou estava comigo ou estavam a ver televisão.

9. Tem na turma alunos com NEE? Como fez para trabalhar com o grupo de uma forma geral e em particular com estas crianças? Acredita que essas crianças foram prejudicadas pelo ensino remoto? Se sim, de que forma?

Sim tenho. 1 com necessidades educativas (Adicionais - as mais graves), vou reunir com os pais para perceber como vai ser agora o percurso dele, porque derivado à idade tem de passar, mas em termos do que ele sabe é só mesmo o nome. Depois tenho 2 com necessidades Universais (uma é boa aluna, mas a nível de comportamento péssimo), (a outra tem ali uns problemas nas aprendizagens. Os outros são Universais e Seletivos.

Criei grupos por aprendizagem, tinha o grupo dos mais fracos e dos melhores alunos.

Os meninos com NEE estavam no grupo dos mais fraquinhos, à exceção de uma aluna que só tem problemas no comportamento. O menino com NEE (Adicionais) esteve sempre com uma professora mesmo dele porque ele faz um trabalho completamente diferenciado. Estas crianças continuaram a ter o apoio de ensino especial e os professores especializados que estavam na escola.

Estava 45 minutos com um grupo, depois esse grupo vinha fazer trabalho autónomo e vinham os outros, que, entretanto, já tinham realizado o trabalho, com o que eu tinha estipulado na planificação.

Óbvio que no grupo dos bons e muito bons foi muito fácil e percebem logo. No outro grupo tive de descer o nível de conhecimento e por vezes tinha mesmo de ser eu a dar as respostas, porque eles não conseguiam sequer chegar à resposta. Distraem-se mais, lá estão muito no mundo deles... tentei que não se perdessem nas aprendizagens essenciais, mas mesmo assim foi complicado. Precisei de lhes dar mesmo mais tempo de aulas e nem sempre estavam ao mesmo nível de conteúdos do outro grupo.

Os alunos não foram prejudicados, eles é que se prejudicam a eles próprios, porque tu tentas ajudar de várias maneiras, mas o problema deles é o comportamento. Os bons alunos sabem estar e ouvem para aprender, estes alunos não têm capacidade para estar sossegados e aprender. Estão preocupados com tudo, menos com o ensino. Têm tantas ajudas que às vezes estão à espera que lhes deem a resposta. Eu faço testes diferentes para eles, mas exijo que eles o façam comigo para não terem as respostas de mão beijada.

10. Face a isto, onde sentiu maiores dificuldades? Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens deste novo ensino online?

Desvantagens. Mas é assim, eu até acho que o meu correu bem. As minhas aulas estavam bem estruturadas e eu consegui este ano, porque o ano passado perdeu-se muito, porque não tínhamos uma carga horária tão grande e assim ficou muita coisa por dizer e por ensinar aos meninos. Mas não tem nada a ver, a crianças do primeiro ciclo, mesmo do segundo e do terceiro... eles não aprendem online, se elas não têm responsabilidades de comportamentos e respeitar em sala de aula como é que vão ter responsabilidade de estar em casa ao computador a ouvir a professora? Óbvio que eles estavam a pensar em tudo e mais alguma coisa. Uns estavam a brincar e ainda tive alguns casos que tive de pedir aos pais para lhes tirar o telemóvel, porque estávamos numa aula e passou uma gravação do TikTok, foi aí que percebi que estavam distraídos e com os telemóveis escondidos. Estes meninos não podem ter distrações e um professor não controla isso. Este ensino é bom para os mais velhos, para estas crianças não, acredito que alguns aprenderam, mas outros não. Este método de ensino não funciona mesmo, eles não têm capacidade para estar ali sentados a olhar para mim e ouvir com atenção.

11. Sentiu-se apoiado pelos pais? Sentiu que houve interesse por parte dos pais para ajudar com as atividades?

Alguns. Foi horrível. Nunca mais vou dar o meu contacto a ninguém. Tinha os pais fora das horas de aula a enviarem-me mensagens e a chatearem-me com perguntas que não sabiam fazer as coisas. Estou só mesmo à espera de acabar o ano para trocar o contacto, foi mesmo o pior ano, nunca mais, foi o pior erro. Se os pais querem falar connosco ligam para a escola.

Isto depende dos agrupamentos e neste agrupamento foi assim, mas foi porque eu permiti, porque não volto a permitir, ninguém me diz que eu tenho de dar o meu número. E ainda hoje, se tiver algum que não saiba o que é para fazer ou não saiba o trabalho de casa os pais mandam fotografias e vêm perguntar mesmo ao fim de semana. Eu até já respondi que a correção do trabalho de casa é nas aulas, não sabem não fazem.

Além disso já fui ameaçada por umas pessoas, pais, sem qualquer tipo de estudo e que às vezes não percebem bem as coisas, por isso nunca mais darei o meu contacto.

12. Após o início das aulas presenciais tenciona continuar a utilizar alguma aplicação online? Se sim, de que forma?

Sim, talvez o Teams. Também já me falaram numa muito boa, mas que ainda não fui pesquisar que é o Classroom, que a minha filha usava. Já ouvi que é melhor até em termos de interação com os miúdos. No entanto vou continuar a usar o Teams por indicação da escola, até para as reuniões de pais.

13. Na sua opinião prefere as aulas online ou presenciais? A aprendizagem é igual em ambos?

Presenciais. Até porque tenho aqui muitos alunos com necessidades educativas especiais que precisam de estar aqui. Para mim o ensino online não é ensino, eles são muito pequenos.

14. Para terminar, enquanto professor sente que teve mais trabalho e mais exigências no ensino online do que no presencial?

É muito mais exigente o ensino online. Para o ensino online precisamos de uma preparação diferente e temos ainda menos recursos do que no presencial. A verdade é que no presencial tenho mais carga horária, porque no online tinha apenas o ensino de manhã. Estar a trabalhar presencial é mais gratificante e quando tiramos o curso nunca colocamos isso em questão, não existia. Foi algo de repente que nos tivemos de adaptar. Nós chamamos ensino online, mas eu não sei se é bem um ensino. Uns tinham de imprimir para trabalhar, outros não tinham impressora, outros faziam no livro, e outros se não estiver em cima nem fazer. Até na aula eu tenho de andar a ver, porque o foco deles é muito limitado.